BEATRIZ SABOIA

A CONCRETIZAÇÃO DO CONCEITO EM HEGEL

Este exemplar corresponde à redação final da Tese defendida por Beatriz Saboia e aprovada pela Comissão Julgadora

Data: 15.02.96

Assinatura: _____

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
1996

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNIDADE DE
N.º CHAMADA:
T/UNICAMP
Sa13c
V. Ex.
TOMBO BC/21068
PROC. 667/96
C [ ] D [X]
PREÇO R$ 11,00
DATA 20/03/96
Nº CPD CM-00085362-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DA FE/UNICAMP

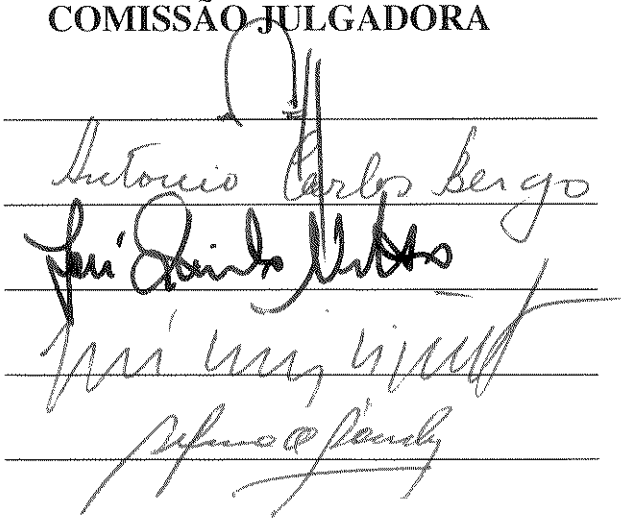
Saboia, Beatriz
Sa13c A concretização do conceito em Hegel / Beatriz Saboia. -- Campinas, SP : [s.n], 1996.

Orientador : Hermas Gonçalves Arana.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Hegel, Georg Wilhelm Friedrich, 1770-1831 - Crítica e interpretração. 2.Conceitos. 3. Lógica. 4. Filosofia. I. Arana, Hermas Gonçalves. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III.Título.

Tese apresentada como exigência parcial para obtenção do título de **DOUTOR** em **EDUCAÇÃO** na Área de Concentração **FILOSOFIA** à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação da **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**, sob a orientação do Prof. Dr. **HERMAS GONÇALVES ARANA**.

COMISSÃO JULGADORA



AGRADEÇO:

. Ao meu pai, José, e minha mãe, Iracema, que se fazem comigo, sempre, nos meus projetos de vida.

. Ao meu orientador, Prof. Dr. Hermas Gonçalves Arana, que soube ser mestre e amigo.

. Aos meus professores do curso de doutorado na UNICAMP: Prof. Dr. Luis Sigrist, Prof. Dr. Demerval Saviani, Prof. Dr. Octavio Ianni, que me ajudaram neste meu crescimento de agora.

. Ao Prof. Dr. José Paulo Netto da PUC-SP, referência intelectual e afetiva.

. À Profa. Dra. Mírian Jorge Warde da PUC-SP, pela aprendizagem em trabalho de pequisa, nos primeiros dois anos de doutorado.

. Aos meus colegas e, mais que isto - amigos - da UNICAMP: Luiz, Sylvia e Nise.

. Às minhas colegas e, mais que isto - amigas - da PUC-SP: Josefa, Manira, Franci e Mara.

. Ao meu amigo Paulo Roberto, por tudo de bom que vivemos juntos neste meu tempo de doutorado em São Paulo.

. Ao Daniel - meu quase outro fillho - à Rosa e Amélia, pelas tantas horas de convívio amigo nestes últimos anos.

. À CAPES e, posteriormente, à FAPEMA, pela concessão de bolsa de estudo.

. Ao Alexandre e à Lenira, que, com competência, deram-me suporte na revisão e na impressão deste texto.

Dedico

Aos meus filhos, meus amores:

Juliana, Camila, Arturo, Gustavo

Homenageio

na memória de Florestan Fernandes a todos aqueles que com ele aprenderam a lutar por um mundo mais humano

RESUMO

O eixo central da tese é o *Processo Dialético na Construção do Conceito Concreto em Hegel.* Trata-se de uma análise textual da **Ciência da Lógica,** que busca apreender as especificações do conceito hegeliano, o qual, passando pelas Doutrinas do Ser, da Essência e do Conceito, realiza os seguintes momentos: *o Ser é o conceito somente em si*; a *Essência é o conceito enquanto conceito posto;* e, finalmente, *o conceito é o absolutamente concreto.* Constitui-se tal núcleo na Parte Segunda.

A Parte Primeira, *Estudo sobre a Concretização do Conceito em Hegel,* tematiza as seguintes obras de Hegel: **A Fenomenologia do Espiríto, A Filosofia da História** e a **Introdução à História da Filosofia**. Ainda nesta parte, no segundo capítulo, procura-se examinar o diálogo de Hegel com os interlocutores internos à sua obra: Kant, Fichte e Schelling.

O presente estudo, ao realizar uma verticalização em Hegel, pretende abrir caminhos para que algumas propostas de novos estudos sobre a Ontologia do Ser Social, constantes nas considerações finais, possam ser posteriormente desenvolvidas com mais rigor na lógica dialética e na fundamentação filosófica.

* * *

RÉSUMÉ

L'axe central de ce travail est *le Procès Dialéctique de la Construction du Concepet Concret chez Hegel.* Il ságit d'une analyse textuelle de la **Science de la Logique** où sont recherchées les speccifications du concept hégelien qui, en passand par les Doctrine: de l'Être, de l'Essence ed du Concept accomplit les moments suivants: *L'Être est le concept seulemente en soi, l'Éssence est le concept en tant que concept posé* et, finelemente, *le Concept est l'Absolumente concret.* Ce nouyau constitue la Premiére Partie de la Thése.

Pour une Édude sur la Concretisation du Concept chez Hegel - première partie du texte - a traité le thème en ayant comme référence les suivantes oeuvres de Hegel: **La Fhénoménologie de l'Esprit**, **La Philosophie de l'histoire** et **l'Introduction à l'Histoire de la Philosophie**. Toujours dans cette partie nous avons cherché des interprètes de Hegel aves le but de cerner les interlocuteurs internes à l'oeuvre de Hegel: Kant, Fichte et Schelling.

Une telle étude constitue une verticalization chez le prope Hegel, pour que quelques suggestions de nouvelles études, présentes dans les remarques finales, sur l'Ontologie de l' Être Social puissent être developées prochainemente avec rigueur dans la logique dialectique et dans une fundamentacion philosophique.

* * *

SUMÁRIO

Preâmbulo *01*

Parte Primeira - ***PARA UM ESTUDO SOBRE A CONCRETIZAÇÃO DO CONCEITO EM HEGEL***

Introdução - *Algumas Aproximações* 04

Capítulo 1 - Sobre o Conceito de Experiência em Hegel na **Fenomenologia do Espírito** 06

Capítulo 2 - Sobre a Posição da Lógica Especulativa frente ao Idealismo de Kant, Fichte e Schelling 11

Capítulo 3 - Sobre a **Filosofia da História** e a **História da Filosofia** nas Denominadas "Lições de Hegel" 31

Parte Segunda - ***O PROCESSO DIALÉTICO NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO CONCRETO EM HEGEL***

Introdução - O Projeto Filosófico de Hegel e a ***Ciência da Lógica*** 46

Capítulo 1 - O Começo Abstrato: O Ser e o Nada 57

Capítulo 2 - O Conceito Posto: A Essência 71

Capítulo 3 - O Abstrato Concretizado - O Conceito 89

Para não Concluir 112

Bibiliografia Básica 119

"Se a verdade é abstrata, não é verdadeira. A sã razão humana somente visa ao concreto. A reflexão do intelecto é teoria abstrata, não verdadeira, justa apenas no cérebro e de mais-a-mais impraticável; a filosofia é inimicíssima do abstrato e reconduz ao concreto. Se unirmos o conceito do concreto com o de desenvolvimento, obteremos o movimento do concreto."

Hegel

Preâmbulo

Esta tese é fruto de um projeto de construção acadêmica no meu laborar com a filosofia, e, como tal, é como um tijolo a mais, certamente a preceder outros que virão num processo que continua e que agora alcança um... "*Para não Concluir*".

Dois outros textos demarcaram a caminhada até aqui: **Objetivos de Ensino da Filosofia a Nível de 2º grau - Aplicação de Taxionomias e Propostas de Objetivos Gerais** (1981) e **A Função Política da Filosofia no Ensino Médio** (1990). O primeiro, apresentado na forma de monografia para concurso público para ingresso na carreira do magistério superior pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). O segundo, dissertação de mestrado defendida junto à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Esses textos foram sendo configurados em resposta a desafios que se apresentaram em momentos diferentes. Daí serem momentos de um processo. Naquele ano de 1981 dediquei-me à dimensão microdidática, ou, dizendo de outra forma, à dimensão técnico-pedagógico-curricular. Àquele tempo saíamos de toda uma década (os anos setenta) na qual a visão sistêmica do ensino exaltava os estudos sobre taxionomias dos objetivos educacionais de Bloom. Em 1990, debrucei-me sobre o tema do uso político-ideológico da disciplina Filosofia no sistema de ensino imposto pelo Estado ditatorial brasileiro, numa tentativa de passar da dimensão textual e à discussão contextual. Como disciplina no ensino de 2º grau, a Filosofia havia sido "marginalizada" das grades curriculares, às quais incorporou-se o grande leque das denominadas "habilitações profissionais". Por trás do desaparecimento não "legalmente" obrigatório, a tecnocracia no poder e a "toda poderosa" Comissão Nacional de Moral e Cívica (CNMC) realizavam a "sutil" troca da disciplina Filosofia pela de Educação Moral e Cívica, incluída

com obrigatoriedade no denominado Núcleo Comum da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. [1]

Já no momento de preparação para o doutorado, grande foi o desafio do estudo que ora se faz tese, na qual busco ir ao conteúdo mesmo da Filosofia e num dos seus "continentes": Hegel. Mas - penso -, há que se agigantar a afronta, ou mesmo (por que não dizer?) o assalto à nossa suposta serenidade para que o próprio desassossego nos impulsione para outras buscas, qual Charles Chaplin, em "Tempos Modernos", *"que continuava a apertar parafusos mesmo depois do trabalho: e será preciso um esforço para se refrear"* (Umberto Eco, **Como se Faz uma Tese**, p. 184). E, igualmente, qual Hegel, na **Ciência da Lógica**, a qual não permite pausas, posto que o movimento da reflexão não pára e não demora nas determinações em que se articula o Ser.

O novo, que já se anuncia, traz outras verticalizações inseridas numa horizontalidade já delineada, de projetos de novas pesquisas a serem desenvolvidas, no prosseguimento da vida acadêmica (ensino/pesquisa), resultantes das constantes inter-relações de leituras e intercâmbios diversos que, permanentemente, vêm se dando ao longo dos anos de trabalho na Educação.

* * *

[1] *"Nas carcterísticas peculiares ao nosso modelo de capitalismo, em crise para definir-se pela opção de articulação com o capitalismo internacional, a 'sociedade política' do Estado brasileiro fez uso da 'força' e da 'coerção'. Não havia espaço para um 'consenso'. Fez-se em Estado Ditatorial. E a Escola Superior de Guerra (ESG), como um dos espaços da 'sociedade civil', transformou-se numa instituição eficaz na difusão da Doutrina de Segurança e Desenvolvimento, constituindo-se como 'partido ideológico' da tecnocracia, 'formando' civis e militares, 'intelectuais difusores' para atuarem nos mais diversos campos da sociedade. O sistema escolar, se constituindo como 'aparelho de hegemonia' privilegiado, não saiu imune de sua esfera de atuação. E a disciplina filosofia foi 'cuidada' de maneira especial e atenta."* (Beatriz SABOIA .**A Função Política da Filosofia no Ensino Médio**. Dissertação de Mestrado defendida na PUC-SP, 1990).

PARTE PRIMEIRA

PARA UM ESTUDO SOBRE A CONCRETIZAÇÃO DO CONCEITO EM HEGEL

INTRODUÇÃO

ALGUMAS APROXIMAÇÕES...

e será preciso - para configurá-las num começo - fazer-me valer de um comentador francês da obra hegeliana, Bernard Bourgeois, quando nos diz:

> *"Para Hegel mais que para qualquer outro filósofo, vale a afirmação de que para compreender uma obra necessita recriá-la por si mesmo".*[1]

A **Ciência da Lógica** de Hegel nos põe o desafio de fazê-la de novo. De relê-la para lê-la. O seu final é necessário para podermos iniciá-la na sua leitura. E, sem o seu começo, não há como prosseguir e compreendê-la ao seu término. Mais que relê-la, a Ciência da Lógica nos obriga a dela nos apropriarmos. E, no desafio de recriá-la para nós mesmos, a nos lançarmos - e só então - no rigoroso exercício de recriá-la para um leitor que dela seja um interessado. Ainda nos diz Bourgeois:

> *"(...) a compreensão do saber absoluto hegeliano exige que o leitor se torne o movimento imanente desse saber, reefetuando em si mesmo, atualizando no seu Si o ser da Enciclopédia.*[2] *A leitura compreensiva da Enciclopédia reclama um comprometimento pessoal com o seu conteúdo - é propriamente uma aventura que concerne ao si do leitor mesmo".* [3]

Na primeira parte deste trabalho "Para um Estudo sobre a concretização do conceito em Hegel" abro os caminhos que, creio, conduzem à questão-eixo

---

[1] Bernard BOURGEOIS, in., Hegel, **Enciclopédia da Ciências Filosóficas**, p. 443. Apêndice

[2] A **Ciência da Lógica** constitui-se na primeira parte da **Enciclopédia das Ciências Filosóficas**.

[3] Bernard BOURGEOIS, Op., cit., p. 442

desta tese, tratada na segunda parte "O Processo Dialético na construção do Conceito Concreto em Hegel".

Pelo próprio Hegel introduzo-me no seu cerco, através da **Fenomenologia do Espírito**, obra que o filósofo realizou no intento de torná-la a Introdução da sua **Enciclopédia da Ciências Filosóficas**.[4] Na busca de apropriar-me do *Conceito de Experiência* em Hegel e de entrar no movimento interno do texto hegeliano, como nos sugere Bourgeois, elaboro o que se constitui como Capítulo Primeiro: "Sobre o Conceito de Experiência em Hegel na **Fenomenologia do Espírito**". No Capítulo Segundo, "Sobre a Posição da Lógica Especulativa frente ao Idealismo de Kant, Fichte e Shelling", exponho sobre a Lógica Especulativa de Hegel na sua interlocução com os maiores expoentes do Idealismo Alemão de sua época (Kant, Fichte e Schelling), e é o momento no qual recorro aos comentadores de Hegel. Por fim, no Terceiro Capítulo da Parte Primeira retomo o próprio Hegel para discorrer "Sobre a **Filosofia da História** e a **História da Filosofia** nas denominadas "Licões de Hegel".

[4] Jean HYPPOLITE - **Gênesis y Estrutura de la Fenomenologia del Espíritu de Hegel** mostra como resultou em obra independente o que Hegel se propusera como uma mera Introdução: *"A lo largo de su redación, la introdución acabó convirtiéndose en la primera parte del sistema de la ciencia y así nació la Fenomenologia del Espíritu, cuando todavia el contrato con el editor Gobhart, en Bamberg, prevía una lógica y una metafísica como primera parte del sistema precedidas por una introdución que llevaría el título de Fenomenologia. La introdución se convertió en una obra independiente y cuya amplitud e importancia sólo fueron descubiertas por su autor a medida que progresaba en la redacción" (p. 51)..*

Capítulo I

SOBRE O CONCEITO DE EXPERIÊNCIA EM HEGEL NA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO

Hegel, quando busca expor sobre a verdade, se propõe a tarefa de construir o conceito. Isto porque para ele a verdade está na cientificidade contida no conceito. O conceito é o absoluto e é o verdadeiro *"(...) só o absoluto é verdadeiro e só o verdadeiro é absoluto"*.[5] A Ciência, para se efetivar como verdadeira e como absoluto, é no seu "aparecer em cena" um saber que "*não se mostra ainda como ciência livre, movendo-se em sua forma peculiar (...) como caminho da consciência natural que abre passagem rumo ao saber verdadeiro*".[6] O Absoluto, o saber verdadeiro, se mostra. Porém, isso não significa que se possa chegar a ele sem passar por todo um movimento da consciência. Tal consciência natural é a consciência sensível, o ter "certeza" que uma coisa é. Importa para Hegel traçar o caminho na inverdade daquele saber fenomenal. *"Para esse saber, o que há de mais real é antes somente o conceito irrealizado"*.[7] Para Hegel é preciso o empreendimento de construção desse conceito que será realizado; será concreto e científico.

O movimento que a consciência faz partindo do saber fenomenal segue uma "série de figuras", que é *"a história detalhada da formação para a ciência*

---

[5] Georg W. F. HEGEl, **Fenomenologia do Espírito**, p. 64.

[6] Id., ibid., p. 66.

[7] Id., ibid., p. 66.

da própria consciência".[8] A consciência natural firma-se na própria convicção - *"(...)no sistema do visar e do preconceito"* [9] -, que é vazia de conteúdo e está no âmbito do opinar, do saber irrealizado. Em Hegel, contudo, tal esvaziamento de conteúdo está condizente com um tipo de ceticismo amadurecido, próprio do proceso de construção para a Ciência e o Absoluto. O fazer-se da consciência natural, no seu limite de unilateralidade, significa, encontrar a essência desse seu momento no processo. É, desse modo, construir um "nada determinado" que se abre no desespero da negação para algo de novo no processo que se produz através da série completa das figuras: *"(...) o processo não pode ser detido e não se satisfaz com nenhuma estação precedente".*[10] Há como um desassossego da consciência, que é solicitada sem descanso a ultrapassar-se.

Esta capacidade da consciência de ir além do limitado (isto é, ir além de si mesma) é própria do sujeito, da substância viva. Diz Hegel:

> *"O que está restrito a uma vida natural não pode por si mesmo ir além de seu ser-aí imediato, mas é expulso-para-fora dali por um Outro: esse ser-arrancado-para-fora é sua morte. Mas a consciência é para si mesma seu conceito (...)".* [11]

A consciência da substância viva é o sujeito que contém o saber, o conceito.

> *"É a consciência do que é verdadeiro para ela, e consciência de seu saber de verdade".* [12]

---

[8] Id., ibid., p. 67.

[9] Id., ibid., p. 67.

[10] Id., ibid., p. 68.

[11] Id., ibid., p. 68.

[12] Id., ibid., p. 70.

É então aqui que se põe - ao se falar em verdadeiro - o Objeto. Pois é o objeto a Essência, o momento da verdade e do que "é em-si", enquanto o momento do saber é do "que é para outrem". Assim, conceito é Essência, ou o verdadeiro é o objeto, o essente. Ainda, diz Hegel:

> *"Se chamamos o saber, conceito; e se a essência ou o verdadeiro chamamos essente ou objeto, então o exame consiste em ver se o objeto correponde ao seu conceito. Bem se vê que as duas coisas são o mesmo: o essencial, no entanto, é manter firmemente durante o curso todo de investigação que os dois momentos, conceito e objeto, ser-para-Outro e ser-em-si mesmo, incidem no interior do saber que investigamos".* [13]

Podemos, destartes, fazer referência a este movimento dialético que a consciência efetua em si mesma, a um só tempo no seu saber e no seu objeto, e trazer para ela a compreensão do que é experiência em Hegel. Complementa o filósofo:

> *"Esse movimento dialético que a consciência exercita em si mesma, tanto em seu saber como em seu objeto, enquanto dele surge o novo objeto verdadeiro para a consciência, é justamente o que se chama experiência".*[14]

No sentido filosófico, este caminho para a ciência já é ciência, porque tal movimento, necessário, é ele mesmo científico. O que ocorre é um encadeamento necessário, não-aleatório e, portanto, científico. Para Hegel, realizar uma experiência é trocar de objeto, o que ocorre por um processo, como já referi, de

---

[13] Id., ibid., p. 70.

[14] Id., ibid., p. 71.

encadeamento. A consciência muda de objeto. O movimento formal é surgir puro, o vir-a-ser. Mas o objeto surge quando ocorre um movimento cumulativo proveniente de ligações da experiência. A consciência está sempre tentando um novo objeto. Com o resultado do movimento surge um novo objeto.

Sobre o momento em que a consciência se torna igual à essência, diz Hegel, concluindo a Introdução da **"Fenomenologia do Espírito"**: [15]

> *"(...) a consciência, ao abrir caminho rumo à sua verdadeira existência, vai atingir um ponto onde se despojará de sua aparência: a de estar presa a algo estranho, que é como um outro. Aqui a aparência se torna igual à essência, de modo que sua exposição coincida exatamente com esse ponto da ciência autêntica do espírito. E, finalmente, ao apreender sua verdadeira essência, a consciência mesma designará a natureza do próprio saber absoluto".*[16]

Este é o momento em que a consciência não se desdobra mais e há a coincidência consigo mesma. Nada mais a ser experimentado. Ocorre como que a pacificação. Anteriormente a esta pacificação, a consciência estava alienada no objeto. O destino se cumpriu.

A **Fenomenologia do Espírito** é a ciência da caminhada que faz a consciência. Sendo a Ciência da Experiência da Consciência, é, portanto, a via de acesso, segundo Hegel, para a filosofia se mover na direção do Puro Saber, do Saber Absoluto, com adequação da certeza do sujeito à verdade do objeto. E a dialética como automovimento do conceito é o método da filosofia.

---

[15] A "Introdução" da **Fenomenologia do Espírito** (de extrema riqueza para o adentrar na filosofia hegeliana) é bastante densa no seu conteúdo teórico-filosófico. Tal percurso do Conceito de Experiência é apresentado nesta Introdução. É a partir dela que desenvolvo as reflexões neste ponto.

[16] Id., ibid., p. 73

Lukács, em estudo sobre Hegel, tece um comentário perspicaz acerca do aspecto metodológico da **Fenomenologia do Espírito**:

> *"O aspecto metodológico fundamental dessa obra é o seguinte: mostrar como as diversas fases, categorias, etc. do pensamento humano surgem na consciência dos homens, ao mesmo tempo como produtos e instrumentos da dominação ideal e prática da realidade, paralelamente ao desenvolvimento peculiar dessa mesma realidade; como o fracasso parcial ou total da consciência em cada fase conduz à explicitação de um modo cognoscitivo melhor adequado à verdadeira essência da realidade, até que se verifique uma verdadeira apropriação da realidade pelo sujeito".* [17]

Hegel, contrapõe-se a todos os sistemas filosóficos que lhe são anteriores ao afirmar que não existem "verdades eternas" e sim uma razão vinculada a um tempo histórico. Como ele mesmo costumava dizer, *"nenhuma filosofia vai além de seu tempo".*[18] No discurso da Fenomenologia, Hegel entrelaça história e dialética de tal forma que a sua filosofia busca um método (dialético) para entender a própria história. Para ele a razão é um processo construído pelo homem por dentro do processo histórico: único critério de decidir sobre o que é mais verdadeiro e o que é mais racional. Hegel nos fala de um "Espírito do Mundo" que progride rumo a uma consciência cada vez maior de si mesma. Dos filósofos gregos a Kant, o "Espírito do Mundo" se desenvolveu e progrediu.

* * *

---

[17] Georgy LUKÁCS, **A Falsa e a Verdadeira Ontologia de Hegel,** p. 76.

[18] *"Toda filosofia é filosofia do seu próprio tempo, um elo na corrente do desenvolvimento espiritual, e assim não pode satisfazer senão os interesses pertencentes ao seu tempo particular. Por este motivo, a filosofia antiga não é capaz de apagar as exigências dum espírito em que vive um mais profundo conceito".* Georg W. F. HEGEl, **Introdução à História da Filosofia,** p. 90 e 91.

Capítulo 2

SOBRE A POSIÇÃO DA LÓGICA ESPECULATIVA FRENTE AO IDEALISMO DE KANT, FICHTE E SCHELLING

Sobre a construção da História Universal pelo Espírito do Mundo, Paulo Menezes, tradutor e comentador brasileiro das obras de Hegel, afirma:

> *"O espírito do mundo teve a paciência de encarnar-se em cada uma dessas formas na sua prodigiosa tarefa que foi a História Universal. Mas, por isso mesmo a tarefa é mais fácil: o já pecorrido encontra-se disponível, como ser pensado, cristalizado numa simples determinação de pensamento. Assim, em lugar do 'ser-a' imediatamente dado, o que encontro é o em-si pensado, depositado na interioridade da memória, da qual pela rememoração deve dar a forma do ser-para-si."*[19]

O sentido do Espírito do Mundo ou Razão do Mundo é precisamente a história do pensamento, a síntese de todas as manifestações humanas e da cultura do homem. Hegel fala da marcha do Espírito do Mundo através da história. Com todo o destaque que dispensa ao tempo histórico, sempre vinculado à filosofia de uma determinada época, Hegel pretende dizer que não existe uma razão desvinculada de um tempo concreto. A filosofia, necessariamente, há que se ater à própria história.

Hegel pensa e faz filosofia na sua conjuntura histórica. Na busca da verdade, a filosofia só se efetivará em relação a um contexto histórico e num processo que se desenvolve através dos tempos.

---

[19] Paulo MENEZES, **Para ler a Fenomenologia do Espírito**, p. 18.

"Hegel escreveu a ***Fenomenologia do Espírito*** *em 1806, em Iena, quando os exércitos de Napoleão se aproximavam daquela cidade; terminou-a quando a batalha de Iena selava o destino da Prússia e entronizava o herdeiro da Revolução Francesa* sobre *as ruínas impotentes do velho Reich alemão. O sentimento de que um novo período da história do mundo vinha de começar impregnou o livro de Hegel. Nele se afirma seu primeiro julgamento filosófico sobre a história, e se extraem sua conclusões finais sobre a Revolução Francesa; esta surge agora como o ponto crucial dos caminhos das verdades históricas e filosóficas. Hegel percebeu que a Revolução Francesa não realizara a liberdade, mas estabelecera um novo desportismo; ele não interpretou o curso e os resultados da Revolução Francesa como acidentes históricos, mas como um desenvolvimento necessário".*[20]

Neste seu modo inovador de fazer filosofia, vinculando-a ao presente histórico, há um ponto nodal que o leva a se contrapor a Kant.

À filosofia crítica kantiana - presa ao apriorismo subjetivista e ao "dever ser" "vinculado ao futuro" (pleno de moralidade ética) que espera pela "vontade" do homem, o qual a exercitará pela via do cumprimento do "Imperativo Categórico" a reconciliação deste com Deus - [21] Hegel quer contrapor o exercício da criatividade por parte dos homens "vinculados ao presente", [22] como sujeitos ativos da história e capazes de atuar no interior da "positividade".

---

[20] Herbert MARCUSE, **Razão e Revolução**, p. 95.

[21] Sobre o papel do "dever-ser", da moralidade ética e da "vontade" do homem, observe-se esta passgem de Lukács: *"(...) a relação ontológica do homem com a verdadeira realidade (transcendente) surge exclusivamente a partir do dever-ser moral. (...) Só realizando o Imperativo Categórico, que é para o homem um dever-ser incondicionado e abstrato, ele pode elevar-se acima do mundo dos fenômenos, que é o dado insuperável no plano teórico, e entrar em relação - enquanto homo noumenos - com a realidade (transcedente)".* Georgy LUKÁCS, **A Falsa e a Verdadeira Ontologia de Hegel**, p. 17.

[22] *"(...) a filosofia hegeliana busca sua realização conceptual na compreenção adequada do próprio presente histórico. Disso deriva não apenas o desaparecimento do ambíguo dever-ser atribuído à naturalidade, mas inclusive uma atitude bastante crítica em face de qualquer dever-ser. Hegel nega toda prioridade do dever-ser em relação ao ser."* LUKÁCS. op., cit., p. 17.

"A realidade objetiva tem algo de insuprimivelmente 'positivo' assim como a força real do sujeito existe objetivamente e só pode ser empregada dentro dos limites objetivos. (...) e seu esforço por conhecer melhor o poder e as manhas da 'positividade' Hegel se pôs a estudar Economia Política (...) leu Adam Smith. (...) e Lukács assinalou, pioneiramente, a importância desse seu mergulho na economia política para as concepções filosóficas que Hegel estava elaborando".[23]

Importa, pois, assinalar este aspecto de grande significado para o pensamento de Hegel, qual seja, esta insistente preocupação com a objetividade dos fatos concretos que o rodeavam naquele momento histórico.

"Esse seu cuidado de objetividade se manisfesta muito cedo. Já em seus anos de ginásio em Stuttgard, sua indiferença pelas generalidades formais da filosofia só era igualada pela vivacidade de sua atenção a respeito dos conteúdos concretos da arte, da ciência e da história. Hegel sempre quis ser um pensador informado, com um saber verdadeiramente 'enciclopédico' (no sentido corrente, não hegeliano, do termo). Rosenkranz, em seu livro sobre a vida de Hegel em Iena, indica o vasto campo dos estudos científicos de Hegel em Iena; entregava-se à experiência de física, por exemplo, sobre a teoria goethiana das cores); estudava obras especializadas muito diversas: sobre as trajetórias dos planetas, sobre o galvanismo, a sífilis, etc. (...) recebeu todo o saber de seu tempo (...) pode-se dizer que nada no saber de sua época ficou estranho a Hegel".[24]

Esta ênfase na positividade e na objetividade em Hegel se coloca, portanto, em decorrência do seu novo método, o qual se constitui como uma nova lógica. Para ele, a Lógica reelaborada em sentido dialético torna-se

---

[23] Leandro KONDER, **A Razão quase enlouquecida**, p. 16.

[24] Bernard BOOURGEOIS, op., cit., p. 404 e 405.

portadora de uma Nova Ontologia,[25] que é uma Teoria do Ser enquanto Devir, desprovida de qualquer conceito de valor ou Dever-Ser. Hegel quer analisar as formas concretas da consciência, busca o conteúdo verdadeiro e rejeita a Ontologia que lhe antecede, posto que esta se constitui na doutrina das "determinações abstratas da essência". [26]

Hegel mostrou um profundo abalo com a derrota militar dos franceses e a queda de Napoleão naquele episódio de março de 1815, após a saída dele da ilha de Elba. É bem verdade que Hegel não via no imperador a representação de um vulto romântico, mas na eficácia de sua ação ele vislumbrava a revelação da Razão Histórica. [27] Quando terminava de escrever a sua **Fenomenologia do Espírito,** em Iena, e o exército prussiano foi derrotado pelas tropas de Napoleão Bonaparte, ele chegara a afirmar com efusão: *"Eu vi o imperador a cavalo - eu vi a Razão a cavalo".* [28]

---

[25] Robert S. Hartman aponta este atributo da lógica dialética de ser ao mesmo tempo uma lógica e uma ontologia: *"Hegel rejeita o programa de Kant de examinar a faculdade de compreensão antes de examinar a natureza das coisas. Para ele, coisas e pensamentos estão dialeticamente inter-relacionados. Hegel comparava o programa de Kant como o do escolástico que queria aprender a nadar antes de se aventurar a entrar na água. Para Hegel, o pensamento reconhece as próprias coisas. Não há coisa 'em si' deixada incognoscida além do pensamento (...) não apenas temos a possibilidade, temos o dever de conhecê-lo".* E é então que se refere ao processo lógico-ontológico: *"Pois, se as leis da lógica e da realidade estão juntas como dois aspectos do mesmo processo, então a lógica é ao mesmo tempo uma doutrina da realidade, ou ontologia. E os princípios ou categorias da lógica são as mesmo tempo os da realidade. As categorias lógicas são as leis do mundo e as leis do mundo são as categorias lógicas".* Robert S. HARTMAN, in HEGEL, **A Razão na História,** p. 16.

[26] Cf. Georg W. F. HEGEL, **Enciclopédia das Ciências Filosóficas**, Parágrafo 33, p. 95.

[27] Trecho de uma carta a seu amigo Niethammer: *"Vi o imperador, essa alma do mundo, sair da cidade a cavalo para um reconhecimento do terreno. E, de fato, uma sensação maravilhosa a de ver um indivíduo assim, que, de um determinado ponto, de seu cavalo, estende sua presença sobre o mundo inteiro e o domina".* KONDER, op., cit., p. 26.

[28] Roger GARAUDY, **Para conhecer o pensamento de Hegel,** p. 27.

Ainda que tomado pelo choque de um acontecimento histórico-concreto - com a derrota dos franceses - [29] Hegel postulava que a verdade só aparece como resultado do *"trabalho que o espírito realiza na história real"*. O movimento somente será apreendido pelo sujeito. A razão depende, como ele costumava dizer, da *"paciência do conceito"*.

> *"(...) a busca da verdade não poderia empacar numa fómula simples, nem poderia ficar girando em torno de um episódio, atribuindo-lhe uma dimensão desmesurada. O fim da era de Napoleão não era, nem podia deixar de ser, o fim da história. E, se as pessoas custavam a se dar conta disso, é porque estavam pensando mal: estavam grudando demais no existente e fechando os olhos para o inevitável irrompimento do novo."* [30]

Hegel, que já havia passado pelo caminho árduo de elaboração da sua **Fenomenologia do Espírito** sabia *"que a verdade é um todo"*, o qual se completa pelo seu próprio desenvolvimento, e que não haveria ele de se prender ao "senso comum" e desprezar o essencial, ou seja, o significado do movimento como um todo.

"Na realidade esse 'senso comum' servia para legitimar uma aparelhagem conceitual incapaz de pensar a novidade qualitativa na experiência humana, limitando-se a repetir cansativamente o chamado princípio lógico da identidade 'o que é, é; e o que não é, não é'." [31]

---

[29] *"A derrota militar dos franceses acabou com a alegria proporcionada a Hegel pela impressão de que Napoleão era o realizador da racionalidade da história. Em carta ao teólogo Heinrich Paulus (18-4-1814), o filósofo deplorou a queda do 'grande Napoleão'. Algumas semanas depois, ainda se lamentava com Niethammer: 'ah, se eu tivesse o remédio para o desgosto causado pelos acontecimentos! ' (1-7-1814)".* KONDER, op. cit., 42.

[30] KONDER, op., cit., p. 43.

[31] Id., ibid., p. 43.

Para Hegel, a sua nova Lógica e a sua nova Ontologia despontariam para um princípio que não o da identidade, e sim para a noção da circularidade, do devir, que pressupõe o princípio da contradição que abarca a relação, o conflito, o movimento e que lhe oferece o critério supremo da verdade.

Esta noção de circularidade é a pedra angular do método de Hegel.

Não sendo o ser, tanto quanto o nada, senão meras abstrações vazias de conteúdo, é precisamente com o devir que surge a primeira realidade concreta. Com ele, por via da contradição, supera-se toda a insuficiência e a abstração do começo do ser e do nada.

> *"(...) o devir é a primeira realidade concreta, no interior da qual o ser e o nada só aparecem como abstração em sua insuficiência..."*[32]

Para Hegel, o Método Dialético é:

> *"(...) a razão reencontrando-se e se reconhecendo a si mesmo em toda coisa. O método é o conceito tomando consciência da identificação da significação subjetiva e de sua realidade objetiva".* [33]

Com Hegel ocorre a transformação da Ontologia enquanto Metafísica e da Lógica Trancendental em Lógica Especulativa. Esta, portanto, pertence à ordem do pensar. É uma lógica que ao mesmo tempo é uma ontologia.[34] Só que nova, diferente daquela lógica e daquela ontologia concebida até sua época.

---

[32] GARAUDY, op., cit., p. 30.

[33] Id., ibid., p. 30.

[34] *Metafísica, Filosofia Primeira e Ontologia* tinham praticamente o mesmo significado. A palavra "metafísica" foi utilizada pela primeira vez por Andrônimo de Rodes por volta do ano 50 a. C., que, ao organizar as obras de Aristóteles, colocou-as numa prateleira acima dos tratados de Física, resultando daí o significado de *ta meta ta physika*, ou seja, "depois de", "acima de". Por Filosofia Primeira o próprio Aristóteles denominava todos aqueles escritos daquela forma catalogados, cujo tema fosse o estudo do *"ser enquanto ser"*. No século XVII, o filósofo Jacobus Thomasius passou a denominar Ontologia a Metafísica e a Filosofia Primeira. A palavra Ontologia é composta de: *onto* e *logia*. *Onto*: *ta onta*,ou seja, os bens e as coisas possuídas por alguém e *ta eonta*: coisas existentes. Assim: *onta* e *eonta* (as coisas) e *on* (ente)

"A contradição é o conceito central do método, da lógica hegeliana. Dizer que esta lógica (que é ao mesmo tempo uma ontologia) está baseada na contradição significa na perspectiva hegeliana que ela é uma lógica da relação, uma lógica do conflito, uma lógica do movimento, uma lógica da finalidade."[35]

Sendo uma lógica que surge sempre em conexão com determinações diversas - ou seja, com determinações recíprocas, posto que são todas partes de um todo, um mesmo universo e, assim o finito está em oposição ao infinito; o ser, ao nada; o determinado, ao indeterminado; o contingente, ao necessário; o perecer, ao nascer, etc. - , ela será, verdadeiramente, uma lógica dialética construída pela relação.

Dizer que a Dialética é uma lógica da contradição é explicitar mais ainda a permanente negação para que algo seja afirmado, ou, melhor dizendo, suprassumido enquanto negação da negação, ou negação de si. A dialética é um permanecer em relações de enfrentamento e de contradições.

"Na ***Fenomenologia do Espírito*** *Hegel mostrou como a preocupação de pensar a relação viva e de romper as limitações espaciais da percepção conduz o entendimento a passar da coisa à força. Somente assim pode ser pensada a passagem, a ligação móvel e viva que une os momentos do real do mesmo modo que os opõe. O ser-aí sensível não poderia ter esta fluidez e esta vida que é possível somente ao se elevar ao conceito como conflito de forças."*[36]

A Lógica Dialética só aparece como primeira realidade quando o devir se põe. Antes, era o começo: o ser e o nada. É com o devir que o movimento se concretiza e dá vida à totalidade orgânica. Pela negatividade que nega o que se

---

levadas ao substantitivo to on, que significa Ser. Cf. Marilena CHAUÍ, **Convite à Filosofia**. p. 209 e 210.

[35] Id., ibid. op., cit., p. 34.

[36] Id., ibid., p. 37.

afirma, porque surge a negação da negação, temos que a negação só prossegue pelo próprio movimento que lhe é inerente.

Os eleatas:

" já tiveram razão em denunciar o movimento, mas fizeram mal em concluir negando o movimento por não terem querido reconhecer a contradição no cerne da própria realidade." [37]

Este mérito coube, inegavelmente, a Hegel. A dialética é movimento e contradição, tanto existente no pensar quanto no ser. Ser e Pensar, para ele, é a mesma coisa. Fazem-se num só.

Com sua Nova Ontologia, Hegel toma posição frente às filosofias de Kant, Fichte e Schelling, os grandes mestres do Idealismo Alemão e seus mais frequentes interlocutores.

> *"Kant, Fichte e Schelling fizeram sua a lógica formal tradicional, embora julgassem seu valor de modo bastante diferente; de qualquer modo, o que tiveram a dizer no terreno da ontologia foi por eles expresso filosoficamente em termos essencialmente independentes da lógica. Só com Hegel é que a lógica - reelaborada por ele em sentido dialético - torna-se portadora da nova ontologia."* [38]

É, ainda, Lukács quem nos diz:

> *"A lógica hegeliana não é uma lógica no sentido escolar da palavra, não é uma lógica formal, mas uma indissolúvel unidade espiritual de lógica e ontologia".* [39]

---

[37] Id. ibid. p. 37.

[38] LUKÁCS, op. cit., p. 33.

[39] Id., ibid., p. 27.

A problemática geral da relação entre lógica e ontologia é uma questão de fundo do pensamento hegeliano.

A Lógica do sujeito-objeto idêntico é com - e em - Hegel a denominada Lógica Especulativa. Em sua permanente interlocução com Kant, Hegel efetua uma transformação da Lógica Transcendental Kantiana. Kant, por sua vez, com a denominada revolução coperniana na filosofia, já havia transformado a Metafísica Clássica, advinda de Aristóteles, pela Lógica Transcendental. Em Aristóteles, a primazia do *ontos.* Em Kant, a prioridade do *logos,* do sujeito que instaura o objeto, conforme suas categorias apriorísticas.

> *"Kant, em contraposição a Aristóteles, não está preocupado com aquilo que o homem encontra, mas com a própria possibilidade do encontro à medida que ele é mediado pela subjetividade humana e é esta perspectiva que vai mudar a configuração da 'ciência primeira' que agora se vai realizar não como pergunta pelo ente, mas com tematização da subjetividade humana, como instância que constitui o real como objeto para o homem".*[40]

Com Kant, temos, unilateralmente, o sujeito que conhece.

Ora, o que vamos constatar como marca distintiva entre a Lógica Especulativa de Hegel e a Lógica Transcendental de Kant está centralizado na não consideração deste último para a questão do conteúdo:

"(...) e nisso consiste a grande crítica de Hegel a Kant, a lógica transcendental não cumpre a tarefa, uma vez que não considera o conteúdo destas determinações em si mesmas, não considera as estruturas, as categorias lógicas em si mesmas e nem sua relações internas, mas as considera apenas funcionalmente, como momentos da atividade do entendimento enquanto este constitui o objeto do conhecimento". [41]

---

[40] Manfredo, A. OLIVEIRA, **A Filosofia na Crise da Modernidade**, p. 33.

[41] Id., ibid., p. 41.

Kant, com sua lógica, chega até ao Entendimento, enquanto para Hegel o Entendimento é o momento do determinado, do finito, do ainda-imediato, condizente com a antiga Lógica Formal; decerto, necessário para o processo, mas precisa prosseguir para a Razão Absoluta, para o Especulativo. O Entendimento, para Hegel, é um momento apenas da Lógica Especulativa, mas que segue na dinâmica da dialética. Kant, portanto, permanece na análise crítica das categorias no âmbito do Entendimento. Tão-somente.

> *"A lógica transcendental é uma lógica categorial, mas só tematiza as categorias a partir da função que exercem na constituição do conhecimento humano. (...) a tarefa fundamental da lógica trancendental se caracteriza com o exame do valor das categorias do entendimento humano".*[42]

Hegel quer superar as representações do entendimento; questiona a contraposição entre subjetividade e objetividade e pretende

> *"(...) pensar a categoria como adequada, como expressão da identidade entre sujeito e objeto que ele considera o princípio da especulação."* [43]

Hegel, quando busca a unidade sujeito-objeto, percebe que se afastou de Kant por este não ter saído da dimensão de unidade como algo subjetivo e formal. No fundo, trata-se ainda da questão do conteúdo em Kant, não incorporado na sua dimensão de realidade objetiva.

Com Kant e Fichte, Hegel tem uma divergência nuclear que o aproxima de Schelling. Para os dois primeiros a natureza é apenas matéria e não sujeito-objeto, e para Hegel tornava-se impossível qualquer construção científica da natureza com esta maneira de compreenção limitada e presa a um formalismo

---

[42] Id., ibid., p. 40.

[43] Id., ibid., p. 41.

vazio. Hegel toma o caminho de Schelling e busca mobilizar contra Kant e Fichte a identidade sujeito-objeto. No entanto, vê-se que Hegel dá um passo à frente de Schelling:

> *"Enquanto para Schelling a diferença entre natureza e mundo humano consistia no fato de que o sujeito-objeto idêntico é portador da objetividade (de suas relações, movimentos, etc.) de modo inconsciente na primeira e de modo consciente no segundo, para Hegel não existe na natureza nenhum princípio subjetivo ativo. Isso representa, por um lado, um importante passo à frente com relação a Schelling, já que desse modo a natureza pode ser considerada..."* [44]

O posicionamnto hegeliano contra Kant e Fichte foi bem mais radical do que sua reação a Schelling - para Hegel, os dois primeiros eram representantes do Idealismo Subjetivo enquanto Schelling representava o Idealismo Objetivo.[45] Com o último chegou até mesmo a ser confundido, por conta da crítica que ambos faziam ao Subjetivismo de Fichte. No entanto, este imbricamento se diluiu com o aparecimento da obra de Hegel **Diferença entre os Sistemas Filosóficos de Fichte e Schelling**, publicado em 1801, em que o filósofo define mais firmemente sua divergência com Fichte, que por sua vez já escrevera **Sistema do Idealismo Transcendental**.

> *"Hegel acusou Fichte de subjetivar a relação sujeito-objeto. O Sujeito Transcendental da concepção fichtiana, quando procura existir objetivamente, chupa toda a objetividade da natureza e para esta só fica a casca morta da objetividade. Assim, o sistema fichtiano do Idealismo Transcendental põe no sujeito, na inteligência, todo o substancial do absoluto, relegando a natureza à mera condição de 'acidental' e o conteúdo da consciência se empobrece, fica reduzido ao conteúdo da*

---

[44] LUKÁCS, op. cit., p. 36.

[45] Jean Hyppolite faz a seguinte formulação: *"(...) podemos dizer que a visão que Hegel propõe de si mesmo é já uma certa filosofia da História da Filosofia e que foi ele o primeiro a criar a representação, contudo bastante esquemáticas das três formas de idealismo,* idealismo subjetivo, idealismo objetivo, idealismo absoluto, pela qual tantas vezes se pretendeu definir o hegelianismo". Jean HYPPOLITE, **Introdução à Filosofia da História de Hegel**, p. 11

consciência de si (o objeto do sujeito é apenas o próprio sujeito: o que não for subjetivo é descartado). [46]

Hegel denomina "filosofias da reflexão" o idealismo alemão de seu tempo. Tais filosofias da reflexão seriam "filosofias da separação", posto que, separando o infinito do finito, tornariam inconcebível a unidade. No conceito de infinito está contida a própria idéia de vida do espírito, de vida ética, que para ele significa a vida de um povo concreto.

> *"Hegel pensa a infinidade como relação dialética do uno e do múltiplo, mas podendo encontrar nesta dialética lógica a própria idéia de vida. Reciprocamente, a vida é precisamente esta dialética, e é vida que obriga o espírito a pensar dialeticamente".* [47]

Através da Lógica Especulativa a "unidade realizada" se põe e a infinitude como princípio do movimento aparece enquanto conceito absoluto. Para Hegel, tanto Kant com seu idealismo crítico quanto Fichte no seu idealismo moral são representantes de filosofias que não conseguem superar a oposição própria à reflexão, permanecendo na oposição abstrata e voltando-se ao tempo que direciona para o indivíduo isolado, com perda da visão de povo, de mundo. [48]

> *"Ficando-se pela posição abstrata, as filosofias idealistas de Kant e de Fichte condenaram-se, ao mesmo tempo, a serem filosofias individualistas; porque o ponto de vista da oposição da razão e da natureza é principalmente o ponto de vista do indivíduo separado, ao passo que, pelo contrário, o da unidade realizada é um ponto de vista*

---

[46] KONDER, op. cit., p. 20.

[47] HYPPOLITE, op. cit., p. 68.

[48] Ainda é Hyppolite que assinala: *"O indivíduo para Hegel, não passa - reduzido a si mesmo - de uma abstração. É por isso que a verdadeira unidade orgânica e o universal concreto serão para ele o povo".* HYPPOLITE, op. cit., p. 17.

que ultrapassa o indivíduo enquanto tal, e que só pode definir-se na totalidade ética, que é um povo na globalidade da sua vida". [49]

Na elaboração da sua filosofia (e nisto ele faz História da Filosofia com o seu Idealismo Absoluto), Hegel tem clareza do movimento filosófico que é o próprio idealismo alemão na filiação que vem de Kant, Fichte e Schelling e sabe que ultrapassou as conquistas dos filosófos que o antecederam com o resultado dialético a que chegou.

> *"Fichte representaria o idealismo subjetivo, a eterna oposição do Eu e do Não-Eu, uma oposição não resolvida, mas que deve unicamente resolver-se, uma filosofia da ação moral; Schelling, o idealismo objetivo, a identidade no absoluto do Eu e do Não-Eu, uma filosofia da contemplação estética; Hegel, o idealismo absoluto, conservando no próprio seio do Absoluto a dialética da reflexão característica de Fichte, uma filosofia da síntese concreta".* [50]

Goldmann tem a seguinte formulação sobre a questão da forma e do conteúdo em Kant:

> *"Além de considerar o universo e a comunidade do ponto de vista da totalidade, Kant chegou a uma distinção que formulava a própria essência da sociedade burguesa nascente e do homem europeu dos próximos 150 anos: a distinção entre a forma e o conteúdo. (...) É preciso não confundir esta distinção na filosofia de Kant com a dos mesmos conceitos em Aristóteles e Santo Tomás. Para evidenciar as diferenças basta mencionar que nos últimos o problema central é saber como um certo conteúdo chega à forma, enquanto que em Kant trata-se, ao contrário, de saber como uma forma vazia chega a se encher de um conteúdo".*[51]

---

[49] Id. ibid., p. 73.

[50] Id. ibid., p. 11.

[51] Lucien GOLDMANN, **Origem da Dialética - A Comunidade Humana e o Universo em Kant**, p. 90.

Em Kant, comunidade significa a totalidade humana e o universo a totalidade natural. A pedra angular da Filosofia Crítica é o estabelecimento de uma relação entre o emprego teórico e o emprego prático da razão. Os conceitos mais elevados são: no plano teórico, Deus; no plano prático, a perfeição moral. A forma do mundo sensível: o espaço e o tempo. Afirma:

> *"(...) nunca tinha pretendido que a totalidade envolvendo o conteúdo fosse imediatamente acessível ao nosso conhecimento (...) vai renunciar a qualquer totalidade dada, existindo fora de nós o que o homem não pode criar, mas somente conhecer. (...) Nós não conhecemos o* a priori *das coisas senão aquilo que aí pomos de nós mesmos".*[52]

Em Hume, a concepção atomista do mundo negava a possibilidade de qualquer totalidade, e com ele Kant polemizava porque queria sair dos limites da experiência e dos fenômenos. Kant elabora a **Crítica da Razão Pura** sob influência imediata de Hume e da necessidade de responder às objeções do empirismo. Sendo o conhecer a "coisa em si",

> *"(...) somente uma intuição intelectual e não uma intuição empírica pode conhecer a 'coisa em si' ".* O conhecimento para Kant *"(...) é limitado. Não pode atingir senão uma totalidade puramente formal e vazia; tanto em relação ao objeto (espaço e tempo), quer dizer, ao Universo, como em relação ao sujeito (intuição pura e categorias* a priori*) à comunidade Humana".* [53]

Em Kant, existe o presente que é o dever, existe uma eternidade que é a religião e não existe futuro, ou seja, a história. Goldmann formula a seguinte pergunta kantiana: Que devo fazer

---

[52] Id., ibid., p. 104.

[53] Id., ibid., p. 138 e 171.

(...) para a realização do absoluto, a totalidade perfeita, o conhecimento e o reino dos fins? Pois este é o único sentido autêntico da vida humana, que pode elevá-la acima do físico e do biológico. Quanto à resposta, ela é curta e precisa. Uma premissa e uma conclusão. A premissa: É preciso provar (e as duas primeira Críticas o provam) que a totalidade não é impossível, que existe uma esperança - por menor que seja - de atingi-la e realizá-la. Pois nenhum homem poderia engajar sua existência conscientemente e sem reservas na perseguição de um fim que soubesse necessariamente irrealizável. A conclusão: Desde que exista a menor esperança de que em algum dia, num mundo inteligível, o absoluto poderia ser realizado, então age como se a máxima de tua ação devesse tornar-se pela tua vontade uma lei geral de tua natureza, isto é , age como se a realização do absoluto só dependesse dessa única ação que agora vais realizar, como se ela só dependesse de tua vontade e de tua ação". [54]

É assim que, em Kant, da vontade do homem depende todo o destino da Comunidade e do Universo. A lei moral é um imperativo, um "dever-ser". Para Goldmann, o Imperativo Categórico de Kant é formal:

> *"porque na realidade o conteúdo desse imperativo varia de lugar e de época para época, na consciência concreta dos homens".* [55]

Châtelet resume bem a tarefa filosófica de Kant com o qual Hegel vai se contrapor mediante a afirmativa do saber absoluto, que é o saber do que é "em si", com sua centralidade no ser e não apenas no "dever-ser" moral kantiano:

---

[54] Id., ibid., p. 182.

[55] Id., ibid., p. 186.

"Hegel não pode prosseguir se não responde a Kant, a Fichte, a Schelling (...). Trata-se de levar em conta os resultados da crítica kantiana: a antiga metafísica não mais pode pretender a título de ciência; a ***Crítica da Razão Pura*** *tomou manifestas a incerteza e a insuficiência dos sistemas tradicionais; mostrou, por outro lado, que a pretensão dos conhecimentos experimentais a tomar lugar da Metafísica, que se tornou caduca, é derrisória, na medida em que estes não se podem constituir como saber do que é em si, como saber do ser. Será, então, preciso reconhecer com o criticismo kantiano que não há saber absoluto; que o absoluto não é da ordem do saber; que sua realização ocorre alhures: no ato moral; que, no que toca ao bom uso da Razão, é somente no domínio prático que se encontra em seu devido lugar".*[56]

E ainda:

"A lição salutar é, no entanto, excessivamente pobre, se se leva em conta, antes de mais nada, o fato de que a análise moral de Kant permanece singularmente abstrata". [57]

Ao que acrescenta, mais adiante:

"Para Hegel o Saber Absoluto é o Saber Verdadeiro. Ora, a verdade não é um fato, mas um resultado". [58]

Para Kant, o absoluto não se mostra. Ele trata das condições e dos limites do conhecimento. Analisa as faculdades do conheciento e detecta os limites do conhecimento teórico, ficando na pretensão de se aproximar da totalidade. Com ele o pensamento não tem objeto, sendo o pensar diferente do conhecer. Não conhecemos o "em si", o absoluto: aí Kant difere de Hegel, para o qual é possível chegar ao "em si", ao Absoluto. Hegel tratará de fazer, descobrir este percurso da consciência para alcançar a Totalidade e o Absoluto. O Absoluto, para ele, se

---

[56] Francois CHÂTELET, **História da Filosofia,** p. 176.

[57] Id., ibid., p. 176.

[58] Id., ibid., p. 178.

mostra como tal ao termo do processo dialético do auto-pensar. O Ser em Hegel é o Ser-Pensado. O "em-si" é uma Produção, um Resultado do Absoluto. O "em-si" é uma realidade efetiva porque é uma produção do espírito.

Vejamos, segundo Deleuze, a relação sujeito-objeto em Kant:

> *"Em Kant, o problema entre sujeito e objeto tende pois a se interiorizar: torna-se o problema de uma relação entre faculdades subjetivas que se diferem em natureza (sensibilidade receptiva e entendimento ativo)".* [59]

E sobre o Entendimento, acrescenta que

> *"(...) dispõe de conceitos* a priori *chamados Categorias".* [60]

Na tese kantiana,

> *"(...) os fenômenos são necessariamente submetidos às categorias, de tal modo que, pelas categorias, somos os verdadeiros legisladores da Natureza".* [61]

Assim, o Entendimento, e não a Imaginação, é que é legislador. Legisla na faculdade de conhecer. Espaço e Tempo são formas puras de sensibilidade que contêm "*a priori*" a condição da possibilidade dos objetos como fenômenos. A sensibilidade é passiva e imediata:

> *"(...) a idéia de submissão implica a intervenção de um mediador, isto é, de uma síntese que relaciona os fenômenos a uma faculdade ativa capaz de ser legislador (...). Os fenômenos não são submetidos à síntese da imaginação, são submetidos, por esta síntese, ao entendimento legislador".* [62]

---

[59] Gilles DELEUZE, **Para Ler Kant,** p. 28.

[60] Id., ibid., p. 30.

[61] Id., ibid., p. 30.

[62] Id., ibid., p. 31.

Eis a diferença entre a imaginação e o entendimento: este último legisla, e aquela, com suas sínteses, esquematiza. O esquema supõe a síntese.

"O esquematismo é um ato original da imaginação: só ela esquematiza".[63]

Sobre o papel da Razão:

> *"O entendimento julga, mas a razão raciocina (...). A razão raciocina e simboliza de maneira a que o conhecimento alcance um máximo de unidade sistemática".* [64]

Ainda, sobre a relação sujeito-objeto em Kant no que o filósofo se contrapunha a harmonia preestabelecida em Leibniz:

> *"(...) ele recusava a idéia de uma harmonia preestabelecida entre sujeito e objeto; ele a substitui pelo princípio de uma submissão necessária do objeto ao próprio sujeito".* [65]

Garaudy propõe a seguinte correlação entre Kant e Hegel:

> *"A passagem da concepção hegeliana da Razão marca a passagem do Idealismo Subjetivo ao Idealismo Objetivo. (...) para o idealismo subjetivo de Kant, o pensamento é legislador do mundo cognoscível; para o idealismo objetivo de Hegel o pensamento é criador de todo o mundo real".* [66]

Ainda, sobre entendimento e Razão:

---

[63] Id., ibid., p. 31.

[64] Id., ibid., p. 32 e 35.

[65] Id., ibid., p. 36.

[66] GARAUDY, op. cit., p. 40.

"O entendimento, ao romper com a intuição sensível imediata, era a primeira negação; a Razão, ao superar o entendimento subjetivo e finito, é a segunda negação (...). O finito separado do infinito era a ilusão do entendimento, enquanto que o finito, tal como ele é para a razão que o conserva como momento do infinito, é somente uma passagem para ir além".

Para Marcuse, em **Razão e Revolução**, existe uma relação entre Razão, em Hegel, e a Revolução Francesa. Observe-se esta síntese sobre o Idealismo Alemão e a Revolução Francesa:

> *"O idealismo alemão foi considerado a teoria da Revolução Francesa. Isto não significa que Kant, Fichte, Schelling e Hegel tenham elaborado uma introdução teórica da Revolução Francesa, mas que, em grande parte, escrevendo suas filosofias em resposta ao desafio vindo da França à reorganização do estado e da sociedade em bases racionais, de modo que as instituições sociais e políticas se ajustassem à liberdade e aos interesses do indivíduo. Apesar de sua severa crítica ao Terror, os idealistas alemães saudaram unânimente a revolução, considerando-a o despertar de uma nova era e, sem exceção, associaram seus princípios filosóficos básicos aos ideais que ela promovera. (...) Os ideais da Revolução Francesa surgem, pois, no cerne dos sistemas idealistas, determinando, sob muitos aspectos, sua estrutura conceitual".* [67]

Para Hegel, há todo um processo pelo qual a Razão passa a exercer poder sobre a realidade:

> *"A Revolução Francesa, segundo Hegel, proclamou o poder definitivo da razão sobre a realidade, o que ele resume dizendo que o princípio da Revolução Francesa* afirma que o pensamento deve governar a realidade".[68]

---

[67] MARCUSE, op. cit., p. 17.

[68] Id., ibid., p. 20.

E Marcuse mostra em seguida, ainda nesta questão, que o Ser, em Hegel, é um Sujeito:

> *"Para Hegel, contudo, a razão não pode governar a realidade, a não ser que a realidade se tenha tornado racional em si mesma. Esta racionalidade é possível pela irrupção do sujeito no próprio conteúdo da natureza e da história. É esta concepção que Hegel resume na mais fundamental de suas sentenças, a saber, que o ser é, na sua substância, um 'sujeito' ".* [69]

Esta idéia de "substância como sujeito" é desenvolvida na Lógica de Hegel, sendo a liberdade a mais importante categoria da Razão, a qual a pedra, a planta não alcançam, não realizam, porque não se compreendem como conceitos. O verdadeiro Sujeito só é possível no homem. Diz ainda Marcuse:

> *"O sujeito e o objeto não estão separados por um abismo insuperável, pois o objeto é, em si mesmo, uma espécie de sujeito, e todos os tipos de ser culminam no sujeito compreensivo livre que é capaz de realizar a razão. A natureza se torna, pois, um meio para o desenvolvimento da liberdade (...). A Razão é essencialmente uma força histórica. Sua realização constitui um processo no mundo-temporal e, em última análise, é a hisória total da humanidade".* [70]

E complementa:

> *A palavra que designa a Razão é Espírito".* [71]

* * *

[69] Id., ibid., p .21

[70] Id., ibid., p. 22.

[71] Id., ibid., p. 23.

Capítulo 3

SOBRE A FILOSOFIA DA HISTÓRIA E A HISTÓRIA DA FILOSOFIA NAS DENOMINADAS "LIÇÕES DE HEGEL" [72]

O presente capítulo objetiva desenvolver duas questões na forma de "aproximações" ao estudo da concretização do conceito em Hegel. São as seguintes:

- Qual o significado em Hegel da *Filosofia da História?*

- Qual o significado em Hegel da *História da Filosofia*?

Respondê-las significa certo comprometimento com uma correta apropriação da filosofia hegeliana. Significa a incorporação de uma determinada lógica existente até Hegel e um adentrar na nova Lógica e na nova Ontologia instauradas por ele. E sua complexidade está, precisamente, em captar toda uma virada metodológica posta por Hegel, quando propõe a filosofia da elevação ao pensamento racional ou especulativo, ou seja, ao Pensamento do Universal Concreto.

---

[72] As denominadas "Licões de Hegel" sobre a **Filosofia da História** e a **História da Filosofia** não se constituem em obras encaminhadas para a publicação pelo próprio Hegel. **A História da Filosofia** o filósofo estreou como professor universitário na Universidade de Heidelberg, ministrando este curso no ano letivo de 1816-1817. Hegel veio a proferir o referido curso em locais diferentes. A partir das anotações dos alunos e do próprio filósofo, o livro apareceu em 1836, editado por Carl Ludwig Michelet. Já **A Filosofia da História**, também reconstituído com base em anotações feitas por Hegel e em registros dos seus alunos, teve uma primeira edição datada de 1837, de Eduardo Gans, e uma outra, preparada pelo filho do professor, Karl Hegel, em 1848.

Em Hegel, Filosofia e História estão interligadas.[73] A filosofia enquanto expressão da Idéia Absoluta penetrou na História. Sua tese é que a Razão Universal molda a História.

Contudo, é preciso caminharmos um tanto mais para que, posta esta tese hegeliana, não caiamos na acusação equivocada de um Hegel que construiria *a priori*, a partir de uma certa especulação abstrata, a própria matéria-prima, ou seja, os dados que a História dos homens fornece. Com efeito, não se trata disso.

Em Hegel, há Razão [74] na História, o que é o mesmo que dizer que na história do mundo as coisas acontecem racionalmente. Por trás desta assertiva está a própria filosofia que Hegel constrói sobre a História da Filosofia.

A Filosofia da História de Hegel fundamenta-se sobre o princípio da Liberdade. A História é o próprio avanço progressivo da consciência da Liberdade, o autodesenvolvimento do Espírito, e este, por seu turno, é a liberdade em processo. Portanto, a História é o progresso da Liberdade, que é uma conquista feita com lutas históricas que se sucedem.

Ora, o Espírito é efetivamente Liberdade, diz o filósofo. Sendo o Homem em parte Natureza e em parte Espírito, ele vai, num crescente, tornando-se

---

[73] *"Em Hegel, a filosofia e a história se encontram. Ele foi o notável filósofo da história e também o historiador da filosofia. Mas, acima de tudo, ele foi o filósofo que mudou a história".* HARTMAN, op. cit., p. 9.

[74] As relações entre os conceitos fundamentais, com os quais a Razão labora, são esclarecidos em Hegel na **Ciência da Lógica,** que é precisamente a obra na qual a presente tese tem como referência básica para a construção da temática da concretização do conceito em Hegel.

(diferente dos animais, que não têm consciência a ser desenvolvida)[75] cada vez mais consciente de si mesmo, cada vez mais livre. Assim como o Homem, no âmbito da consciência, que da imediatez da certeza sensível, passando por diversas figuras, alcança a consciência de si e para si, da mesma forma a História é a própria humanidade que se desdobra, tal qual as experiências vividas pela consciência. Ocorre que na História há o desdobrar das diversas experiências dos povos, de uma universalidade de particularidades concretas, que entre a paz e a guerra, segundo Hegel, atravessam muitos sofrimentos, para que, paulatinamente, e adquirindo amadurecimento, um novo histórico nasça do velho tombado. Para Hegel, a história, mediante este caminhar dos povos, é a plena realização do que chama de "Espírito do Mundo". Portanto, Homem e Espírito se tornam livres. O "Espírito do Mundo" se torna "em si", no Homem e através dele.

É importante apreender este momento do pensamento hegeliano. Tanto o Homem quanto o Espírito (a História) são essencialmente reflexivo e necessariamente constroem uma idéia de sua própria natureza, ou seja, constroem um determinado conteúdo de reflexão. O conhecimento, então, assume forma correspondente a um conteúdo concreto. Ora, sendo tal conteúdo a matéria específica do conhecimento, o espiritual é, em si, portanto, tal conteúdo, que, se e, manifesta em maior ou menor grau de intensidade da Liberdade existente. A Liberdade é essencialmente conteúdo. E é através dela que o Espírito é uma "Consciência do Mundo".

Explicitando a natureza do Espírito, diz Hegel o que é a Liberdade:

---

[75] *"Não podemos abandonar o pensamento, pois é por meio dele que nos diferenciamos do animal. E há pensamento no sentimento, na ciência e no conhecimento, na vontade e nos instintos, desde que humanos".* Georgy W. F. HEGEL, **Filosofia da História**, p. 16.

"A natureza do Espírito poderá ser compreendida com uma espiada na direção oposta - a matéria. A essência da matéria é a gravidade e a essência do espírito - sua matéria - é a Liberdade.[76]

Discorrendo sobre a "matéria composta" e a "unidade do espírito", Hegel afirma que esta última configura-se na própria Liberdade:

"A matéria (...) é essencialmente composta, consistindo em partes que mútuamente se constituem. Ela busca sua unidade e, por esse meio, sua própria extinção; ela busca o seu oposto. Se ela chegasse a isso, já não seria mais matéria, teria deixado de existir. O Espírito, ao contrário, é aquilo que tem o seu centro em si mesmo. Ele não tem unidade fora de sí, mas a encontrou: está em si e consigo. A matéria tem sua substância fora de si, o espírito é o Ser-em-si-mesmo (a existência autocontida). Mas a Liberdade é precisamente isto." [77]

Em Hegel não há lugar para um Espírito abstrato, posto que, aparecendo no cenário do mundo concreto, ele é um fato histórico. O "Espírito do Mundo" incorpora homens e povos, aparece na realidade concreta como universal e como particular. O povo é a concretização do Espírito, é o conteúdo da Liberdade, como acima ficou dito.

Cabe atentar um pouco mais sobre o já exposto sobre o *conteúdo*. É deste que advém a reflexão própria do Espírito Universal. O refletir do Espírito resulta da própria atividade do humano. Atividade esta que se constitui nas ações do

---

[76] HEGEL **A Razão na História,** p. 63. Convém esclarecer que a **Razão na História**, na tradução em referência, corresponde à Introdução da obra de Hegel intitulada **Filosofia da História**.

[77] Id., ibid., p. 64.

indivíduo, que emanam de suas necessidades, suas paixões, seus interesses. Diz Hegel:

> *"Uma primeira olhadela na história nos convence de que as ações dos homens emanam das suas necessidades, sua paixões, seus interesses, sua qualidades e seus talentos. É como se realmente neste drama de atividades todas essas necesidades, paixões e interesses fossem a causa e o principal motivo da ação".* [78]

Ora, todo este conteúdo de ações provem das necessidades peculiares ao indivíduo. Serve de matéria para reflexão tanto dele mesmo, enquanto indivíduo, quanto do Espírito. Porém, para sermos fiéis ao nosso filosófo é importante deixar claro que é, precisamente, o indivíduo que porta o Objetivo Universal:

> *"É isto que faz a história tão fascinante. São estes objetivos e indivíduos cuja perda e cuja queda lamentamos. Quando temos diante de nós a luta contra os persas ou contra o poderoso domínio de Alexandre, sabemos muito bem o que nos interessa. Desejamos ver os gregos livres do barbarismo, desejamos ver o Estado ateniense preservado e estamos interessados no governante sob cuja liderança os gregos subjugaram a Ásia. Se fosse apenas uma questão de paixão humana, não sentiríamos nenhuma perda ao imaginar que Alexandre teria falhado em sua empresa. Estaríamos muito contentes ao ver aqui um simples jogo de paixões, mas não nos sentiríamos satisfeitos. Temos aqui um interesse material, objetivo... Ao contemplar a história do mundo, devemos considerar seu objetivo final".* [79]

A História, o Espírito do Mundo, é o resultado da atuação da atividade e da realização dos homens, dos povos concretos. Não é pois destituída de um conteúdo factual. Outro destaque dado pelo filósofo está no "interesse" pela ação,

---

[78] Idi., ibid., p. 66.

[79] Id., Ibid., p. 62.

no que ele costuma chamar de "paixões" dos indivíduos particulares. Assim se expressa Hegel:

> *"Afirmamos, então, que nada foi realizado sem um interesse de parte dos que o provocaram. Se o 'interesse' for chamado de "paixão" - porque toda a individualidade concentra todos os seus desejos e forças com todas as fibras da vontade para descuido de todos os outros interesses e objetivos reais ou possíveis, em um objeto -, podemos, então, afirmar sem qualificação que nada de grandioso no mundo foi realizado sem paixão".*[80]

Reiterando: a reflexão, o compreender, o raciocinar do "Espírito do Mundo" é viabilizado pelas necesidades, desejos e vontades particulares. O agente subjetivo, os desejos humanos, a subjetividade em geral constitui-se na matéria através da qual será realizado o objetivo final da Razão. Como expõe Hegel:

> *"Usarei, portanto, a palavra ' paixão' para expressar a particularidade de um caráter até onde suas vontades individuais não tenham apenas um conteúdo especial, mas proporcionem também a força que age e dá impulso a feitos de alcance universal".* [81]

Neste ponto, creio, torna-se necessário tratarmos de uma tema primordial em Hegel, qual seja, a questão do Estado.

Ora, toda vontade subjetiva não tem nenhum significado se não for direcionada para uma união com a vontade racional, o conjunto moral que é, para Hegel, o Estado.

---

[80] Id., ibid., p. 69.

[81] Id., ibid., p. 70.

Para ele existe a Liberdade Negativa, que está no limite do simples capricho dos indivíduos, exercitada na esfera restrita dos desejos particulares. Em contrapartida, existe a Liberdade Positiva:

> *"(...) afirmamos que a lei, a moral, o Estado - e só eles - são a satisfação e a realidade positiva da liberdade. (...) a vontade subjetiva, paixão, é a força que realiza, que torna real. A Idéia é a energia interior da ação, o Estado é a vida que existe exteriormente, autenticamente moral. Ela é a união da vontade universal e essencial com a vontade subjetiva e, como tal, ela é Moral. (...) A finalidade do Estado é fazer prevalecer o material e se fazer reconhecer nos feitos dos homens e nas suas convicções".* [82]

O Estado, em Hegel, é pois condição para que a história se concretize. Só há História desde que haja Estados organizados, posto que Estado em Hegel significa uma cultura e uma reorganização construída sobre o alicerce da Liberdade.

Estado, no sentido hegeliano, ultrapassa o sentido apenas de organização burocrática. É fundamentalmente uma organização estatal que se ergue pela cultura de um povo.

> *"O indivíduo espiritual, que é o povo, é que chamamos de Estado, quando está organizado em si como um todo orgânico. (...) O universo que se manisfesta no Estado e que é conhecido nele - a forma sob a qual tudo o que constitui a cultura de uma nação. O conteúdo definitivo que recebe esta forma universal e está contido na realidade concreta do Estado é o espírito do povo. O Estado real é animado por este espírito em todas as suas guerras, instituições, negócios particulars etc. Este conteúdo espiritual é algo definido, firme, sólido, completamente isento de capricho, das particularidades, das fantasias da individualidade, do acaso. (...) O Estado é a realização da Liberdade, do objetivo final absoluto, e existe por si mesmo. Todo o valor que tem o homem, toda a*

[82] Id., ibid., p. 88.

sua realidade espiritual, ele só a tem através do Estado. (...) O Estado se torna o objeto preciso da história do mundo; é onde a Liberdade obtém a sua objetividade se se mantém no gozo desta objetividade". [83]

Em páginas anteriores, fizemos referência aos graus manifestados pela Liberdade. Desta importa precisar melhor o significado dado por Hegel a estes graus da Liberdade na sua Filosofia da História.

A Filosofia da História de Hegel são as lições sobre a trajetória da humanidade através do tempo histórico e do espaço geográfico que vai da Ática às Américas, passando pela Ásia, África e Europa. É como ele percebe a história universal.

A História Universal é a manifestação do Espírito em luta para conhecer-se a si próprio, a sua própria natureza. À proporção que evolui a consciência de si nos povos, na humanidade, a Liberdade é maior. Existem pois, no curso da história do mundo, fases no desenvolvimento do princípio cujo conteúdo é a consciência da Liberdade.

Vejamos nas palavras de Hegel a questão dos diversos graus na consciência da Liberdade:

"(...) pode-se dizer que história universal é a representação do espírito no esforço de elaborar o conhecimento de que ele é em si mesmo. E como a semente carrega em si toda a natureza da árvore, o sabor e a forma dos frutos, assim os primeiros traços do espírito já contêm, também, virtualmente, toda a história. Os orientais ainda não sabem que o espírito, no homem como tal, é livre em si mesmo; e porque não o sabem, eles não o são. Eles sabem apenas que só um ser humano é livre, mas por isso mesmo tal liberdade é apenas arbitrariedade, barbárie e embrutecimento reprimidos, ou suavidade da paixão, mansidão dessa mesma paixão (...). Esse único é, consequentemente, um déspota, e não

[83] Id., ibid., p. 90.

um homem livre. Só entre os gregos é que surgiu a consciência da liberdade, e por isso eles foram livres; mas eles, bem como os romanos, sabiam somente que alguns são livres, e não o homem como tal. Nem Platão ou Aristóteles o sabiam. Destarte, os gregos não apenas tiveram escravos, como suas vidas e a existência de sua agradável liberdade estavam ligadas a isso. (...) sua liberdade em parte não era senão uma flor ocasional, passageira e limitada, e em parte a cruel servidão do homem, do ser humano. Só as nações germânicas, no cristianismo, tomaram consciência de que o homem é livre como homem, que a liberade do espírito constitui a sua natureza".[84]

Vê-se que o princípio do *desenvolvimento* implica progresso gradual para obtenção de um resultado de conteúdo que se concretiza, numa série de diferenciações cada vez mais reais, mediante a idéia de Liberdade.

Desta forma, Hegel divide a História Universal em quatro etapas:

O Oriente é a *infância* da história:

"Esse mundo tem por fundamento a consciência imediata, a espiritualidade à qual a vontade subjetiva se relaciona primordialmente como fé, confiança e obediência". [85]

A história progride para a Ásia Central. Este é o segundo período da história universal para Hegel:

"Se quisermos prosseguir na comparação com as idades do homem, esta seria a puberdade, que não demonstra mais a tranquilidade e a confiança de uma criança, sendo, antes, uma fase turbulenta e belicosa". [86]

---

[84] Georgy W. F. HEGEL **Filosofia da História**, p. 24.

[85] Id., ibid., p. 94.

[86] Id., ibid., p. 95.

O terceiro momento comprende o império romano:

> *"(...) o áspero labor da 'idade viril' da história; porque o varão não depende do arbítrio do senhor, nem do capricho individual da beleza, mas serve ao fim universal, no qual o indivíduo atinge o seu próprio fim. O Estado começa a destacar-se abstratamente e a constituir-se à vista de um fim do qual os indivíduos também participam, mas que não é nem universal, nem concreto".* [87]

O mundo germânico se apresenta como o quarto momento da história universal, que, comparado aos momentos anteriores, corresponderia à velhice. E Hegel destaca o grau elevado alcançado pela Liberdade:

> *"A velhice natural é fraqueza, mas a velhice do espírito é perfeita maturidade e força; nela, ele retorna à unidade consigo, em seu caráter totalmente desenvolvido como espírito".* [88]

Penso que seja já o momento de tecer algumas considerações sobre as denominadas "Lições de Hegel", a parir da sua **Introdução à História da Filosofia**.

Desta obra considero importante destacar, num primeiro plano o que Hegel expõe sobre o Conceito da História da Filosofia. Lá estão os conceitos básicos de compreensão para a definição da História da Filosofia. Trata-se do Conceito de Desenvolvimento e do Conceito de Concreto.

Hegel quer tratar da verdade filosófica, e para tanto afirma que não existem *"opiniões filosóficas"*, motivo pelo qual rejeita idéias relativas à História da Filosofia como *"galerias de opiniões"*.

---

[87] Id., ibid., p. 96.

[88] Id., ibid., p. 97.

"(...) o oposto da opinião é precisamente a verdade, e diante da verdade empalidece a opinião". [89]

Ora, Filosofia é conhecer por conceitos, e, sendo a verdade o oposto da opinião, há de ser construída unicamente por meio do trabalho do pensamento. Não há lugar em Hegel para verdades no limite da subjetividade abstrata. Ele está permanentemente em busca da determinação ontológica da filosofia, enquanto ciência objetiva da verdade:

"A filosofia é a ciência objetiva da verdade, é a ciência da sua necessidade; é conhecer por conceitos, não é opinar nem deduzir uma opinião de outra". [90]

A filosofia se constitui em ciência objetiva da verdade, não é abstrata e nem tampouco formal. Ela é um pensamento determinado em si. Segundo Hegel, para obtermos este conhecimento verdadeiro que não é um pensamento simples e vazio, porém um pensamento determinado em si,[91] temos que nos valer de dois conceitos, quais sejam: o de Desenvolvimento e o de Concreto.

Através do Desenvolvimento, a Idéia, que é a verdade buscada, torna-se aquilo que é. A idéia se torna Idéia, desenvolve-se para chegar a ser. Para um claro entendimento sobre o Conceito do Desenvolvimento, há que se distinguir o estado da disposição e o estado da capacidade - o "ser em si", que é a *potência,* do "ser por si", que é a *atualidade.* E aí vem se pôr o próprio ato:

---

[89] Georgy W. F. HEGEL, **Introdução à História da Filosofia**, p. 51.

[90] Id., ibid., p. 51.

[91] Para Hegel, o pensamento determinado em si é precisamente a Idéia, o pensamento na sua totalidade e na sua determinação em si e por si. Importante lembrar que a Idéia, para chegar a ser Idéia, é primeiramente pensamento em geral, depois conceito e por fim Idéia.

"Só no ato em que o homem devém por si aquilo que em si é, e isto é a razão por si, é o que o homem tem atualidade naquele determinado aspecto e é racional, quer dizer, chega efeivamente à razão por si". [92]

Contudo, para prosseguirmos sobre o Conceito Concreto, temos de considerar que o desenvolvimento é atividade formal, sem conteúdo. Este - o conteúdo - vem a ser, precisamente, o ato - a atividade que contém o "ser em si" e o "ser por si" - que , portanto, é o Concreto posto pelo Desenvolvimento abstrato formal.

Importa atentarmos, no entanto, para a seguinte formulação de Hegel:

"O curso do desenvolvimento forma também o conteúdo, a própria Idéia, que precisamente consiste em que temos o Uno e o outro, e ambos são Uno, que é Terceiro, estando o Uno no Outro junto de si mesmo e não fora de si mesmo. Assim, a idéia é, no seu conteúdo, concreta em si; é concreta em si, e então tem interesse em que o que é em si se torne por si". [93]

Vê-se que Hegel, ao tratar do conceito concreto, quer romper preconceitos em torno da filosofia que a acusam de ocupar-se do abstrato e de lidar apenas com generalidades. Diz o filósofo:

"O seu conteúdo é abstrato, mas só no que respeita à forma, ao elemento, essencialmente concreta, visto ser essa a unidade de distintas determinações. Nisto se diferencia o conhecimento racional do mero conhecimento intelectivo; e o filosofar tem como tarefa o demonstrar, contra o intelecto, que a verdade, a idéia, não consiste em generalidades balofas, mas sim num universal que é em si mesmo o particular, o determinado". [94]

---

[92] Id., ibid., p. 61.

[93] Id., ibid., p. 65.

[94] Id., ibid., p. 65.

Aí Hegel faz a distinção entre razão e intelecto. A primeira é elemento constitutivo da sua Lógica Especulaiva. O intelecto, por seu turno, finca-se no limite do Entendimento de uma Lógica Formal.

Mas é precisamente neste momento de discussão sobre o Conceito Concreto que Hegel se expressa radicalmente contra a filosofia abstrata e a reconduz (ou no caso, aos seus alunos) para o desenvolvimento do concreto. Diz ele num trecho bastante profundo de sua filosofia:

> *"Se a verdade é abstrata, não é verdadeira. A sã razão somente visa ao concreto. A reflexão do intelecto é teoria abstrata, não verdadeira, justa apenas no cérebro e de mais-a-mais impraticável; a filosofia é inimicíssima do abstrato e reconduz ao concreto. Se unirmos o conceito de concreto com o do desenvolvimento, obtemos o movimento do concreto".*[95]

* * *

Aqui finalizo o que denominei "algumas aproximacões" desta Parte Primeira, para entrar propriamente na construção da concretização do conceito em Hegel.

Penso ter desenvolvido alguns instrumentos para dar sequência ao presente estudo sobre Hegel. Por outro lado, considero que, após a Parte Segunda - na qual refaço o percurso de Hegel na sua **Ciência da Lógica** acerca da construção do Conceito Concreto - ficará mais estimulante reter esta Parte Primeira.

---

[95] Id., ibid., p. 66. Desnecessário, talvez, frisar a importância, neste estudo, desta citação, uma vez que já a destaquei na Epígrafe desta Tese.

E, para concluir com Hegel:

> *"O vero, assim determinado em si mesmo, apresenta a tendência a se desenvolver: só o ser vivo e espiritual se move em si mesmo, se desenvolve. Assim a idéia, como concreta em si mesmo e desenvolvendo-se, é um sistema orgânico, uma totalidade que compreende em si* multidão de graus e de *momentos. A filosofia por si é o conhecimento deste desenvolvimento pensante; quanto mais este desenvolvimento progrediu, tanto mais perfeita é a filosofia".* [96]

* * *

[96] Id., ibid.,p. 69.

PARTE SEGUNDA

O PROCESSO DIALÉTICO NA CONSTRUÇÃO DO CONCEITO CONCRETO EM HEGEL

INTRODUÇÃO

O Projeto Filosófico de Hegel e a Ciência da Lógica

A Lógica Dialética de Hegel é o alvo a ser buscado nesta Parte Segunda. Importa, agora, centrar a presente análise no processo dialético na construção do conceito concreto em Hegel. Dizendo o mesmo, em outras palavras, trata-se de aclarar, passo a passo, os momentos da lógica dialética hegeliana no seu movimento imanente, que é esta laboriosa ascensão do abstrato ao concreto.

> *"Para bem compreender o motor desta dialética na lógica é útil compará-la ao motor da dialética na* ***Fenomenologia do Espírito.*** *O próprio Hegel destacou ao mesmo tempo a correpondência dos momentos da Fenomenologia aos da Lógica, e a diferença radical que separa nas duas obras a passagem de um momento ao outro. O motor da dialética ascendente da Fenomenologia era a contradição, a inadequação da certeza subjetiva à verdade objetiva. Mas desde que, no saber absoluto, os dois termos estão confundidos não pode aí haver progressão senão se o ser se opõe a si mesmo, senão se ele traz em si a contradição, sua própria negação. A dialética não é mais diálogo, entre sujeito e objeto, como na Fenomenologia, mas desdobramento do uno e nascimento imanente das diferenças no próprio ser."* [1]

Para construir sua nova lógica, Hegel expõe sobre o tema do autodesenvolvimento do conceito que reconcilia pensamento e ser. Na elaboração da Razão Especulativa, Hegel argumenta sobre o desenvolvimento interno do conteúdo, o automovimento mesmo do conceito. Isto é para ele filosofia, ou seja,

[1] GARAUDY op., cit., p. 113.

pensamento conceitual que tira suas determinações do movimento imanente da autodiferenciação. Hegel trabalha na direção de denunciar o criticismo kantiano, ponto de chegada tanto da Ilustração, quanto do Saber Imediato. Sobre a Religião, considera esta pensamento apenas representativo que recebe sua determinação da exterioridade da revelação. Hegel trabalha com determinações de outra ordem: a da imanência interna processual.

Colocando-se frente ao Empirismo e à Intuição, Hegel apresenta seu Projeto Filosófico de unidade cabal, de totalidade concreta, que é o mesmo que dizer da identidade diferenciada.

> *"A Intuição antecipa a Especulação Racional; seu conteúdo exprime que a razão aparece necessariamente na experiência; a razão é a unidade que supera realmente as diferenças enquanto tais - que foram fixadas e congeladas pela análise do entendimento - enquanto a intuição em sua pureza é anterior ao ato desperdaçador do entendimento. Por isso - se a razão é a negação concreta do entendimento, a vitória sobre ele - a intuição é sua negação abstrata, que como tal os mantém em combate".* [2]

Kant já havia dado, é bem verdade, um grande salto à frente do Empirismo, porém ficou na abstração vazia ao afirmar que a coisa em si somente pode ser o conceito que dela temos. Já Hegel exige que a abstração corresponda à essência.

> *"Kant teve entretanto o mérito de pôr o princípio desta interioridade absoluta da consciência, mesmo se não soube permanecer fiel a este princípio. Por isso mesmo Kant forneceu o princípio essencial da crítica do pretenso 'saber imediato', que seria um saber sem mediação e, consequentemente, sem nenhuma prova nem fundamento. É uma afirmação gratuita, sem nenhum caráter científico nem filosófico. Contra*

[2] BOURGEOIS op., cit., 405.

estas diversas concepções de realidade objetiva, Hegel estabelece a unidade dialética de ser e pensar". [3]

Hegel se propôs a escrever uma Ciência da Lógica que superasse o Princípio da Identidade "do que é, é; e do que não é, não é". Tal Ciência da Lógica, na sua concepção, é precisamente a Dialética, que se constitui na via pela qual a verdade se apresenta pelo movimento interno da Contradição.

Para prosseguir em meu comentário, porém, creio ser necessário fazer uma breve retomada na História da Filosofia sobre *Lógica, Dialética, Princípio da Identidade, Princípio da Contradição.*

Embora saibamos hoje da existência e da importância da lógica aristotélica, esta, na época de Aristóteles, era chamada de *Analítica*, e o conjunto das suas obras, de *Organum*. Somente séculos mais tarde surge a palavra "lógica" entre os estóicos e Alexandre de Afrodísia, significando o *"estudo dos discursos"* ou dos *logoi*. Para os estóicos, o *logoi* corresponde às coisas que não têm corpo, ou seja, incorporais, sendo apenas *exprimíveis*.[4] O interesse de Aristóteles pela classificação das Ciências (teoréticas, práticas e produtivas) fez com que a Lógica passasse a ser apenas um instrumento para o conhecer, e não uma ciência.

A dialética e a lógica hegelianas - como por tantas passagens já ficou aqui dito - são uma lógica que é uma ontologia. Não se trata de uma lógica como instrumento formal para o bom uso do pensamento, como em Aristóteles nem tampouco sua dialética era aquela posta pelos primeiros filósofos - no caso,

---

[3] GARAUDY, op. cit., p. 109 e 110

[4] A fonte dessas informações é a obra **Convite à Filosofia**, CHAUÍ, op. cit.

Heráclito, o qual afirmava que o mundo é um fluir perpétuo, em devir permanente.

Com Platão surge o método do pensamento denominado dialético. Em grego *dia* quer dizer "dois", "duplo" e *lética* deriva-se de *logos* e do verbo *legin*. Dialética é, portanto, um diálogo, uma conversa.

De Heráclito herdamos a mudança, o princípio da contradição; do seu opositor eleata, Parmênides, a descoberta do permamente, do ser imóvel, da inexistência do não-ser. Somente o Ser é. De Parmênides resulta o princípio da identidade.

Ora, Platão, preocupando-se em resolver o problema heracliano e parmenidiano concebe a solução pela dualidade dos dois mundos, e para superar a aparência pela essência, desenvolve a dialética. Aristóteles, seguindo a via de um mundo só, guia-se pela contradição: ou uma coisa é, ou será o seu oposto. Ambos, porquanto, inseridos no princípio da contradição e na dialética. Hegel, muito tempo depois - quando a lógica já tinha alçado voôs altos na busca do ideal de uma lógica simbólica inspirada na linguagem matemática (deixando muito longe as teorias aristotélicas), que considerava o *onto*, a realidade - , viria a apontar que o equívoco estava em pensar que identidade e contradição são contrárias.

A contradição a que Hegel se refere é de outra ordem.

Na Lógica Dialética de Hegel, ser e pensar formam uma unidade. Sua lógica é ao mesmo tempo, e de uma só vez, uma ontologia. E é nesta sua

lógica/ontologia que ele expõe sobre a contradição: o ser opondo-se a si mesmo,[5] o ser trazendo em si a contradição que é a sua própria negação. A dialética não é mais diálogo, mas desdobramento das diferenças no próprio ser.

> Châtelet nos dá a medida do alcance do projeto filosófico de Hegel:
>
> *"O projeto é grandioso - para não dizer delirante (havia 'humanidade', modéstia em certos diálogos de Platão, na carta de Descartes, nas ironias teóricas de Hume, no estilo pesado e concertado de Kant)".* [6]

Hegel tinha um claro objetivo no seu horizonte intelectual: fazer da filosofia um saber efetivo, aproximando-a da forma de ciência, e renunciando à significação dela (da filosofia) enquanto *amor ao saber.* Costumava dizer: *"É chegado o tempo de a filosofia se elevar à ciência".* [7]

Hegel se impôs a tarefa de dar a Kant uma resposta à grande aporia transmitida pela **Crítica da Razão Pura** ao Idealismo Alemão. Nosso filósofo buscava uma lógica que, chegando ao Saber Absoluto, encontrasse a adequada certeza do sujeito em relação à verdade do objeto.

> *"O Absoluto só se apresenta para Kant no domínio da Razão Prática como postulado de uma liberdade transempírica, fora do alcance de uma ciência do mundo. Com a* ***Fenomenologia do Espírito*** *Hegel pretende situar-se para além dos tempos da aporia kantiana (...). Hegel intenta mostrar que a fundamentação absoluta do saber é resultado de uma gênese ou de uma história cujas vicissitudes são assinaladas, no plano da aparição ou do fenômeno ao qual tem acesso o olhar do Filósofo (o para-nós na terminologia hegeliana), pelas oposições sucessivas e*

---

[5] Vide primeira citação desta Parte Segunda.

[6] CHÂTELET, op. cit., p. 171.

[7] Fiedhelm NICOLIN Otto POGGELER, Introdução, in **Enciclopédia das Ciências filosóficas em Epítome**, p. 18

dialeticamente articuladas entre a certeza do sujeito e a verdade do objeto. Anunciando a publicação do seu livro, Hegel diz: 'Este volume expõe o devir do saber' ". [8]

Há, portanto, uma grande determinação em Hegel para a edificação do seu Sistema Filosófico, cuja necessidade sentia ao empenhar-se no confronto com a filosofia do seu tempo, a qual, para ele, não deveria

"(...) contentar-se com uma satisfação no princípio da identidade absoluta, mas deve aventurar-se a 'produzir um sistema de ciência'. Uma filosofia que não se constitua em sistema permanece prisioneiro dos seus limites e é, quanto ao seu conteúdo, algo de acidental (...)". [9]

Vários foram os manuscritos que Hegel elaborou em sua estada em Iena. Todos os seus cursos eram ministrados com base em anotações suas, sempre direcionadas para a futura elaboração de uma filosofia sistemática. Em 1807 surge publicada a **Fenomenologia do Espírito**, a qual Hegel pretendia que se constituisse na Parte Introdutória daquela obra sistemática.

"Mas esta introdução tornou-se, durante a sua redação, um livro inteiro, que continha a primeira parte do sistema filosófico". [10]

Já o prefácio da **Fenomenologia do Espírito** foi equivocadamente identificado como prefácio do seu Sistema da Ciência. Tais interpretações ambíguas se deram pelo próprio conteúdo resultante da **Fenomenologia do Espírito**,[11] cuja amplitude e importância Hegel não previra no momento de sua elaboração.

---

[8] Id., ibid., p. 10.

[9] Id., ibid., p. 16.

[10] Id., ibid., p. 17.

[11] Vide comentário do crítico Hyppolite a respeito, na nota de rodapé nº 4 desta Introdução.

Hegel anunciou a continuação da **Fenomenologia do Espírito** numa próxima obra, a qual viria a ser a **Ciência da Lógica,** que por sua vez daria sequência a outras duas (**Filosofia da Natureza** e **Filosofia do Espírito**) e no conjunto formaria a **Enciclopédia das Ciências Filosóficas**.

Em Nuremberg, Hegel elaborou a primeira das três grandes partes do Sistema da Ciência: a **Ciência da Lógica**, a qual também veio a se tornar uma obra muito mais ampla do que fora previsto. Surgiu em três tomos: **Doutrina do Ser**, **Doutrina da Essência** e **Doutrina do Conceito** nos anos de 1812, 1813 e 1816,[12] respectivamente.

No outono de 1816, na Universidade de Heidelberg, Hegel ministrou um curso sobre a **Enciclopédia das Cências Filosóficas**. Segundo o autor da **Vida de Hegel,** Rosenkranz, a **Enciclopédia** foi elaborada *"de um só jato"*.[13] Baseada no seu curso em Heidelberg, a **Enciclopédia** apareceu rapidamente como a concretização de um objetivo de Hegel. Desde 1811 e 1812, nas aulas para alunos do ginásio, o filosófo já escrevia suas anotações sobre a **Enciclopédia** nos cursos de Ciências Preparatórias para a Filosofia (Propedêutica Filosófica).

Com a **Enciclopédia**, Hegel prossegue do ponto em que terminara a **Fenomenologia**, a qual mostrara como o saber evolui da Certeza Sensível ao Saber Absoluto, e este encontra a verdade não como um fato, mas como um resultado de um processo dotado de um conteúdo. Com a **Enciclopédia** Hegel

---

[12] Esta parte do Sistema de Hegel é a que delimitei como objeto de estudo desta tese.

[13] Id., ibid., p. 22.

situa-se noutro momento de sua elaboração intelectual, buscando esboçar um quadro geral das aplicações do Saber, da filosofia que se tornara ciência, às muitas atividades humanas. A obra tem o mesmo caráter discursivo que empregara na **Ciência da Lógica.** Na **Enciclopédia das Ciências Filosóficas** Hegel procura

> *"(...) expor, num amplo panorama seu sistema, um primeiro volume foi dedicado a um resumo da lógica; um segundo, à filosofia da natureza; e um terceiro à filosofia do espírito".*[14]

Verdadeiramente, a **Enciclopédia das Ciências Filosóficas** é a realização progressiva do Projeto Filosófico Hegeliano. Afirma Bourgeois:

> *"Essa filosofia propriamente hegeliana se apresenta como projeto de entrada: a consciência-de-si original da filosofia de Hegel é a afirmação da filosofia como sistema".* [15]

A divisão da **Enciclopédia** só pode ser concebida a partir da afirmativa de que o Todo da Ciência é a expressão da Idéia.

> *"Ora, como a Idéia é a razão igual a si mesma, que, para ser para-si, se opõe a si mesma e é para-si-mesmo um-Outro (mas nesse Outro é igual a si mesmo) a ciência se divide em três partes que são: 1° a Lógica - ciência da Idéia em-e-para-si; 2° Filosofia da Natureza - enquanto ciência da Idéia em seu ser-Outro; 3° Filosofia do Espírito - enquanto ciência da Idéia que do seu-outro retorna a si".*[16]

Busquemos esquematizar resumidamente este ponto, na tentativa de torná-lo mais claro.

---

[14] KONDER, op., cit., p. 49.

[15] BOURGEOIS,op., cit., p. 383.

[16] Id., ibid., p. 418.

Sobre a Idéia concreta em si ou Ciência da Lógica: Idéia concreta somente em-e-para-si. É a primeira parte da Enciclopédia ou Sistema da Ciência. A Lógica forma um círculo ou um todo umiversal. A lógica se articula tanto no todo, que é o sistema no seu todo, quanto em círculos, em três momentos a Identidade, a Diferença e a Identidade da Identidade e da Diferença.

Identidade, Diferença e Identidade da Identidade e da Diferença correspondem à Idéia Lógica. Tal Idéia Lógica, enquanto *identidade pura,* é o *Ser*; enquanto *diferença abstrata,* é a *Essência*; e, finalmente, enquanto *identidade concreta,* é o *Conceito.*

Sobre a Idéia como seu ser-Outro, ou a Filosofia da Natureza:

"Como identidade diferente da diferença da qual é identidade, está ali sob o modo de essência, de separação do conceito como essência da natureza e da natureza como fenômeno do conceito. Pelo fato da imanência da Idéia à natureza, existe uma razão na natureza; o que permite uma ciência e uma filosofia da natureza. Essa Razão, para falar com propriedade, é apenas uma razão na Natureza e não uma razão da Natureza". [17]

Finalmente, sobre a Idéia concreta para-si, ou a Filosofia do Espírito:

"A existência natural da idéia enquanto tal é assim a negação da natureza propriamente dita e a autoposição da idéia como espírito. No espírito a Idéia não está fora de si, mas junto a si (chez soi)*: a necessidade da diferença da identidade e da diferença a ela submetida (o universal diferente do particular tem potência sobre ele como um Outro) é superada na liberdade da identidade da identidade e da diferença".* [18]

---

[17] Id., ibid., p. 421.

[18] Id., ibid., p. 423.

Eis um bom resumo de Bourgeois sobre as três partes que compõem a **Enciclopédia Filosófia**:

> *"O Todo da ciência é a exposição da Idéia. Sua divisão só pode ser concebida a partir dela. Ora, como idéia é a razão igual a si mesma, que, para ser par si, se opõe a si e é para si mesma um Outro (mas nesse Outro é igual a si mesma), a Ciência se divide em três partes que são: 1°) a Lógica - ciência da idéia em-e-para-si; 2°) a Filosofia da Natureza, enquanto ciência da Idéia em seu ser-Outro; 3°) a Filosofia do Espírito, enquanto ciência da Idéia que do seu-outro retorna a si".* [19]

Aqui finalizo esta Introdução, assinalando o seguinte: a Idéia Universal compreende o todo do Sistema da Ciência de Hegel; a Idéia Lógica é correspondente à Ciência da Lógica (Ser-Identidade; Essência-Diferença; Conceito-Identidade Concreta). Ser e Essência enquanto Lógica Objetiva e Conceito enquanto Lógica Subjetiva. Mas isso será matéria para os nossos próximos três capítulos.

* * *

[19] Id., ibid., p. 418.

A DOUTRINA DO SER

"O Ser é o conceito somente em si."

Capítulo 1

O Conceito Abstrato: O Ser e o Nada

Neste capítulo busco analisar as especificaões do conceito concreto (a sua exposição genética), que passa por momentos do ser como somente em si (a Doutrina do Ser); da essência como conceito posto (a Doutrina da Essência); do conceito enquanto o absolutamente concreto (a Doutrina do Conceito).

A concretização do conceito em Hegel é um progredir da razão conceituante, e advém da necessidade de tal razão conceituante se pôr. Este progredir do conceito é o desenvolvimento da Idéia Lógica. Contudo, importa lembrar, tendo em vista o já dito na Introdução desta Parte Segunda, que apenas com a Ciência da Lógica o ciclo do conceito alcança o seu momento enquanto idéia concreta em-e-para-si. Porquanto, está aqui delimitada a primeira parte do Sistema das Ciências de Hegel.

Trato da Idéia Lógica. Da idéia enquanto conceito, ainda que no horizonte da apropriação que tenho da filosofia hegeliana, lembrando que do Lógico devém Natureza e da Natureza devém Espírito. Mas, por aí, constitui-se, sem dúvida, outro possível estudo em Hegel, no qual não adentraremos. Para o âmbito do que está proposto, vejamos algumas considerações sobre a Doutrina do Ser; do conceito somente em si.

Uma questão, de início, é saber o que é isto do Ser, para Hegel, na elaboração da sua Ciência da Lógica.

Para o filósofo, o Ser é o primeiro imediato, o totalmente abstrato que, no entanto, dessa imediatez abstrata passa a construir, no próprio movimento do processo dialético, o conceito concreto preenchido de conteúdo.

Diz Hegel na Doutrina do Ser:
"El ser es lo momento immediato indeterminado".[20]

No começo, não há nenhuma determinação:
"Ser, puro ser, sin ninguna otra determinación". [21]

O Ser é, portanto, pelos elementos já ditos aqui: começo, imediato, indeterminado, pensamento puro, pura abstração. Não pode ser sentido, nem intuído e nem pensado. Não tem forma e nem conteúdo. Constitui, como tal, o começo.

Este estudo sobre a concretização do conceito em Hegel observa a seguinte trajetória: acompanha o movimento evolutivo do Ser enquanto conceito em si, passa pelo momento da Essência como conceito posto e assim chega ao Conceito Concreto, que é a Idéia em-e-para-si.

A mediação do conceito por si mesmo e consigo mesmo é o verdadeiramente imediato, ou seja, sem ainda nenhuma mediação a não ser consigo mesmo. Este momento é o do ser. É o começo que surge com o puro ser, carente de determinação. Porém, é aqui também que se tem o absolutamente

---

[20] Georgy W.F. HEGEL **Ciência de la Lógica**, p. 75.

[21] Id., ibid., p. 77

negativo deste puro ser: trata-se do Nada. Também igualmente carente de determinação.

> *Ora, esse puro ser é pura abstração e, portanto, o absolutamente-negativo que tomado de modo igualmente imediato, é o nada".* [22]

O ser, a coisa-em-si é carente de forma e de conteúdo, posto que ainda não contém nenhuma determinação. O ser só é puro e imediato no começo. Nesta pura indeterminação, o Ser é o Nada. Algo indizível. A diferença do nada para o ser é uma pura abstração. A esta diferença abstrata, que ao mesmo tempo não é diferença, Hegel designa como diferença "visada".

> *"Nada, la pura nada; es la simple igualdade consigo mesma, el vacio perfecto, la ausência de determinación y contenido; la indeterminación en si mesma. (...) La nada es por lo tanto, la misma determinación*, y *con esto es en general la misma cosa que es el puro ser."* [23]

Para analisar cada esfera da Idéia Lógica - Ser, Essência e Conceito - importa também nos remetermos ao ciclo interno a cada uma delas que, por seu turno, pertencem a uma esfera mais abrangente: Lógica, Natureza e Espírito.

Partindo desta colocação, é preciso buscar as determinações de cada esfera do lógico para avançarmos na compreensão verdadeira da elaboração do conceito. Contudo, no totalmente começo que é o Ser (e o Nada) nada se há de determinar, posto que o Ser e o Nada são carentes de determinações. Diz Hegel:

> *"Ora, o ser é justamente apenas o que, de modo absoluto, carece-de-determinação e a mesma carência-de-determinação é também o nada. A diferença entre esses dois é, pois, somente uma diferença 'visada', a*

---

[22] Gorgy W. F. HEGEL **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - A Ciência da Lógica** p. 178.

[23] HEGEL **Ciência de la Lógica** p. 77.

diferença totalmente abstrata, que ao mesmo tempo não é diferença alguma". [24]

Diferença "visada" significa uma diferença que não está "posta", vez que tanto o ser quanto o nada têm sua diferença só no em-si-mesmo. Não se trata de uma diferença advinda de uma determinação existente em um e não em outro. Ainda não se trata disso. O primeiro não é, portanto, nem mediatizado e nem contém determinação alguma.

Na sequência da sua elaboração, Hegel vai mostrar mais adiante que a Essência é também num certo momento algo carente de determinação, mas observa:

"(...) o carente-de-determinação [a Essência], enquanto já passou pela mediação, já contém em si a determinação suprassumida". [25]

O começo abstrato: o Ser (e o Nada) é um começo, ainda que não seja um conceito. A não ser que se diga: enquanto um "conceito somente em si".

Para Hegel, existe no começo abstrato do ser e do nada um impulso que os leva adiante no processo da razão conceituante.

"O impulso para encontrar no ser, ou nos dois, uma significação firme é uma necessidade mesma que leva-adiante o ser e o nada, e lhes dá uma significação verdadeira, isto é, concreta. Esse ir-adiante é o desenvolvimento lógico..". [26]

---

[24] HEGEL **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica** p. 179.

[25] Id., ibid., p. 176.

[26] Id., ibid.,p. 179.

O desenvolvimento lógico da idéia ocorre desde o seu começo, posto que o ser (a coisa) compreende o *vir-a-ser* contido nele. Do ser e do nada, da sua unidade, o *vir-a-ser* é posto como primeira realidade concreta, como primeiro conceito. Sobre o *vir-a-ser*, assim se expressa Hegel:

> *"O vir-a-ser é a verdadeira expressão do resultado do ser e do nada, enquanto sua unidade; não é apenas a unidade do ser e do nada, mas é o desassossego, em si - na unidade que não é simplesmente, enquanto relação-a-si, carente-de movimento, mas que mediante a diversidade do ser e do nada, a qual nela há, é dentro de si contra si mesma".* [27]

Dado o ulterior desenvolvimento do conceito, torna-se necessário dizer que o *vir-a-ser* é apenas o *ser-posto* daquele que é o ser, segundo sua verdade; que ele não permanece simples *vir-a-ser*, mas alcança, pelo movimento, um *Resultado*. Ser e Nada, ao formar a unidade do *vir-a-ser*, são ambos suprassumidos, e seu *Resultado* é, portanto, o *ser-aí*. Diz Hegel:

> *"(...) o resultado desse processo não é o nada vazio, mas o ser idêntico à negação, o qual chamamos ser-aí, que se mostra primeiro com essa significação, de ter vindo-a-ser".* [28]

Com o ser-aí, o ser alcança uma primeira determinidade: a *Qualidade*.

Hegel, na Doutrina do Ser, desenvolve os elementos categoriais do ser: a *Qualidade*, a *Quantidade* e a *Medida*. Esta última constitui-se enquanto

> *"(...) a unidade da qualidade e da quantidade [e] é por isso, ao mesmo tempo, o ser completo. Quando falamos do ser ele primeiro nos aparece como o totalmente abstrato e carente-de-determinação. Ora, o ser é essencialmente isto: determinar-se a si mesmo; e sua completa determinidade, atinge-a na medida".* [29]

---

[27] Id., ibid., p. 183.

[28] Id., ibid., p. 186.

[29] Id., ibid., p. 214.

Retomando a Qualidade: com esta o ser

> *"(...) no es un puro ser, sino un ser determinado: tomado en su sentido etimológico (Da-Sein = estar alli) es el estar en un cierto lugar;* [30]

Dito de outra forma: com a qualidade tem-se o ser determinado como tal, ou a *Existência.* A *Existência*, por meio da *Qualidade*, faz com que *Algo* exista frente a um *Outro*. Contém a realidade. É o essente-em-si. *Algo* passa a ser o essente-em-si e o *Outro* o ser-para-outro; o *Outro* como um tipo de extensão do *ser-aí*, do *Algo*.

> *"A qualidade, enquanto esse ser-outro é sua determinação própria, mas, de início, diferente dela, e [o] ser-para-Outro: uma [certa] extensão do ser-aí, do algo. O ser da qualidade enquanto tal, em contraposição a essa relação a outro, é o ser-em-si".* [31]

Introduzo, desta feita, mais dois elementos na nossa análise da exposição de Hegel sobre o Ser. Este é um algo que, por *ser-si,* contém a sua negação, o seu limite: o seu-outro que é.

Trata-se de um momento próprio do ser: o *Outro. Algo* e *Outro* constituem-se como limite do *ser-aí* de sua realidade. O limite, enquanto é negação do Algo, não é um nada abstrato em geral, mas um nada essente, ou seja, aquilo que chamamos um *Outro.*

---

[30] HEGEL **Ciência de la Lógica** p. 100

[31] HEGEL **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica** p. 187.

"(...) es igualmente un ente determinado, pero determinado como negativo del algo - vale decir, un otro". [32]

Ao ser e ao nada, enquanto no momento anterior da unidade do *devir,* deve chamar-se mais corretamente como *nascer* e *perecer.* Segundo Hegel, tem-se que, em contrapartida, no *ser-aí* o ser, em sendo Algo, é ser-em-si, o qual mantém para ser algo, referência com seu *ser-outro.* Diz Hegel:

"Del mismo modo el no-ser, como momento del algo, en esta unidade del ser con respecto a el, es al mismo tiempo relación con su no-existir, esto es, ser-para-outro". [33]

Tendo em conta a processualidade imanente da filosofia hegeliana, vê-se que todo o finito está submetido à alteração, e o *ser-aí,* que, sendo um finito no seu transformar-se de ser em um outro, progride no conceito; e assim por diante, até o infinito.

Importa considerar aqui esta questão em Hegel, qual seja, da *Infinitude,* posto que há que se diferenciar o que ele denomina de *Má Infinitude* e de *Infinitude Verdadeira.* Diz Hegel:

> *"Se fazemos incidir, fora um do outro, esses dois momentos do ser-aí, Algo e Outro, temos o seguinte: Algo se torna um Outro, e esse Outro é, ele mesmo, um Algo que como tal em seguida se altera igualmente e assim por diante, até o infinito. (...) Ora, esse progresso até o infinito não é verdadeiro infinito, que antes consiste em estar, nesse Outro, junto de si mesmo, ou seja - exprimindo como processo -, em chegar a si mesmo, no seu Outro. É de grande importância apreender adequadamente o conceito da infinitude verdadeira e não ficar simplesmente na má infinitude do progresso até o infinito".*

---

[32] HEGEL **Ciência de la Lógica** p. 105.

[33] Id., ibid., p. 108.

Vê-se que na infinitude verdadeira, não se tendo um simples progresso da má infinitude, o infinito sai de si mesmo e que nesse movimento imanente, segundo Hegel, o infinito é o não-finito; o finito deve ser somente suprassumido. Desta forma, o infinito saindo de si mesmo é o que explica o fato de que Algo se torna Outro e este Outro um outro Outro.

> *"(...) por conseguinte, como aquilo, para o que passa, é exatamente o mesmo que aquilo que passa, os dois não têm outra determinação a não ser uma só e a mesma determinação: a de um Outro; e assim Algo, em seu passar e no Outro é verdadeira infinitude".* [34]

O Outro alterado se torna o Outro do Outro, porque o que é alterado é o Outro, e o Ser é, portanto, restaurado. Mas, diz Hegel, como negação da negação, e aí passamos nesta determinidade da Qualidade própria do Ser para o Ser-aí.

> *"O ser-para-si é a qualidade consumada, e como tal contém o ser e o ser-ai como seus momentos ideais. Enquanto ser, o ser-para-si é simples relação consigo mesmo, e enquanto ser-aí é determinado. Contudo, essa determinação não é mais a determinidade finita do algo em sua diferença do Outro, mas a determinidade infinita, que contém em si a diferença como suprassumida."* [35]

Vimos a trajetória do ser em relação apenas consigo mesmo, num primeiro momento; o ser-aí, resultado da unidade advinda do vir-a-ser, este se constituindo na primeira determinidade-de-pensamento concreta (ser e nada); e o aparecer em cena do ser-para-si, que, precisamente, vem a corresponder ao infinito que suprassumiu o finito - o que é o mesmo que dizer que contém em si a diferença suprassumida, que é outra coisa do que seja uma mera diferença de Algo com Outro.

---

[34] HEGEL **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica** p. 191.

[35] Id., ibid., p. 193 e 194.

Com o ser-para-si se passa, segundo Hegel, da realidade (do ser-ai) para a determinação da idealidade. Esta não é nada mais que a realidade posta como é em si e só pode ter um conteúdo enquanto é idealidade de Algo. Este, por seu turno, nenhuma verdade conterá se permanecer enquanto ser-aí determinado. Isto é, se permanecer realidade. Realidade e idealidade não são autônomas. Para Hegel:

> *"Realidade e idealidade são consideradas muitas vezes como uma dupla de determinação que se contrapõem uma à outra com igual autonomia, e por esse motivo se diz que fora da realidade também há uma idealidade. Ora, a idealidade não é algo que haja fora e ao lado da realidade, mas o conceito da idealidade consiste expressamente em ser a verdade da realidade, isto é, que a realidade, posta com é em si, mostra-se ela mesma como idealidade".*[36]

Ainda na determinação da qualidade, Hegel expõe sobre o Uno e o Múltiplo, sendo que o primeiro forma o pressuposto do segundo e não simplesmente como um entre muitos. Nesta passagem de elaboração do conceito, Hegel fala da *Repulsão* e da *Atração,* ou seja, o Uno é um essente-para-si *diferente* do ser, que é carente de determinação. É um essente que exclui-se de si mesmo para pôr-se no Múltiplo

> *"A relação do negativo para consigo mesmo é relação negativa, portanto diferenciação do Uno consigo mesmo, a repulsão do Uno; isto é, o pôr de muitos Uno. Segundo a imeadiatez do essente-para-si, esses muitos essentes e a repulsão dos unos essentes torna-se sua repulsão de uns em relação aos outros; enquanto [seres] presentes; ou [um] excluir recíproco".* [37]

Pela *Repulsão* o Uno mostra-se incompatível consigo mesmo numa relação negativa, em que se repele a si mesmo e se põe como Muitos. A *Atração*

---

[36] Id., ibid.,p. 194.

[37] Id., ibid., p. 195.

surge como negação desta *Repulsão* abstrata e o Uno exclusivo aparece. O ser-para-si suprassume.

> *"La repulsión es todavia esencialmente una relación, si bien negativa; el recíproco alejarse y huir no es la liberación respecto de lo que se aleja y huje; lo que excluye está todavia en conexión con aquello que es excluido por él. Pero este momento de la repulsión es la atración, que por lo tanto está en la repulsión misma; ella es la negación de aquella repulsión abstrata, según la cual los unos serían sólo entes que se refieren a si, no que se excluen.*[38]

Como ser-aí, o Ser alcança uma segunda determinação: a *Quantidade*.

Para Hegel, a *Quantidade* não é outra coisa senão a *Qualidade Suprassumida*. Na *Quantidade* ele identifica, em processo, a *Quantidade Pura*, o *Quanto* e o *Grau*.

A Quantidade nos fornece a representação da *determinidade indiferente*. Vejamos do que se trata.

Na *Qualidade* uma coisa sempre permanece o que é. Porém, no momento em que tal qualidade é suprassumida pela *Quantidade*, o ser que era idêntico ao ser da Coisa, ou a ele mesmo, passa a conter a *determinidade indiferente* exterior. Pela *Quantidade* uma coisa varia, pode se tornar *mais* ou *menos*. O Ser pode variar pela determinidade da *Grandeza*, ainda que a Coisa mesma permaneça na sua determinidade própria, que é, antes de tudo, qualitativa. Seja a variação aumentada ou diminuída, a Coisa determinada se comporta com indiferença. A *Quantidade* num primeiro momento é *Quantidade Pura*. Assim se expressa Hegel:

---

[38] HEGEL **Ciência de la Lógica** p. 154.

"(...) quando se diz da quantidade que seu conceito consiste em poder ser aumentada ou diminuída, com isso se enuncia justamente que a grandeza (ou, mais exatamente, a quantidade) - diversamente da qualidade - é uma determinanação tal que a coisa determinada se comporta como indiferente para com a variação dela". [39]

Vimos em páginas anteriores, como o ser, passando pelo ser-aí, alcança o ser-para-si. Considerando agora a *Quantidade Pura*, o *Quanto* e o *Grau*, vê-se, com Hegel, uma correspondência da seguinte ordem: o *Ser* seria a *Quantidade Pura*; o *Ser-aí*, o *Quanto;* e o *Ser-para-si*, o *Grau*. Com isto Hegel quer expor como o processo evolui para a concretização do conceito.

A grandeza da *Quantidade*, aumentada ou diminuída, pode ser *Contínua* e *Discreta*, e assim é porque a quantidade enquanto resultado mais próximo do ser-para-si, contém em si os dois lados do processo - a *Repulsão* e a *Atração*. Tanto a repulsão como a atração contêm, em si, cada uma a outra. Daí, não há, segundo Hegel, nem grandeza simplesmente contínua, nem meramente discreta.

"A quantidade, primeiro em sua relação imediata consigo, ou na determinação da igualdade consigo mesmo, posta pela atração é a grandeza contínua; na outra determinação nela contida - na determinidade do Uno - é a grandeza discreta. Mas a primeira quantidade é igualmente discreta. Pois é só a continuidade do Muitos; e essa outra quantidade é igualmente contínua; sua continuidade é o Uno, enquanto o mesmo dos muitos Unos: a unidade". [40]

Vejamos o exposto por Hegel sobre o *Quanto* da *Quantidade*, que se constitui como correspondente do ser-aí da *Qualidade*. No *Quanto* a diferença da grandeza contínua e da grandeza discreta já está *posta*, o que significa que surge

---

[39] HEGEL **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica** p. 200.

[40] Id., ibid., p. 202.

como diferente e limitada. Na *Qualidade Pura,* a diferença ainda permanece presente em-si. No *Quanto,* há desenvolvimento que resulta no *Número.* Este enquanto grandeza discreta é *Valor Numérico;* enquanto grandeza contínua, é *Unidade* (ou momentos qualitativos do Uno).

> *"As determinações do conceito de número são valor numérico e a unidade; e o próprio número é a unidade dos dois".* [41]

Com os números põem-se as operações positivas (numerar, multiplicar, elevar à potência) e as operações negativas (diminuir, dividir, extrair raiz). Tanto as primeiras quanto as segundas constituem-se como as determinidades existente na grandeza extensiva (múltipla) ou *Quanto.*

Finalmente, o *Grau* é então a grandeza intensiva ou determinação simples e, segundo Hegel, é somente aqui (no *Grau*) que o conceito do *Quanto* está posto. Seria o equivalente do *Ser-para-si* da *Qualidade.*

> *"No grau está posto o conceito do quanto: é a grandeza enquanto indiferente para si e simples, mas de modo que tem a determinidade, pela qual ela é quanto, absolutamente fora dela em outras grandezas. Nessa contradição - de que o limite indiferente, essente-para-si, é a absoluta exterioridade - está posto o progresso quantitativo infinito: uma imediatez que se converte imediatamente em seu contrário, no ser-mediatizado (o ultrapassar sobre o quanto, que acaba de ser posto), e vice-versa".* [42]

Pelo que já se viu até aqui sobre ***A Doutrina do Ser,*** vê-se que o conceito vai evoluindo por uma necessidade que vem de dentro e que reside num mandar-se-para-fora como algo não só possível, porém necessário. É assim que - lembrando com Hegel a tarefa da filosofia de reduzir as coisas a pensamentos, e

---

[41] Id., ibid., p. 204.

[42] Id., ibid., p. 207.

verdades a pensamentos determinados - alcançamos pela exposição de Hegel a terceira e última determinação do Ser, na elaboração que o nosso filosófo faz da Doutrina do Ser. Trata-se da *Medida,* que mostra o ser completo.

> *"O processo da medida não é simplesmente a má infinitude do progresso infinito na figura de uma perene transformação de qualidade em quantidade, e de quantidade em qualidade; mas é ao mesmo tempo, a verdadeira infinitude do seguir-junto consigo mesmo em seu Outro. Ora, a qualidade é, em si, quantidade; e, inversamente, também a quantidade é, em si, qualidade. Quando as duas, no processo da medida, passam uma para a outra, então cada uma das duas determinações torna-se apenas o que já é em si, e agora obtemos o ser negado em suas determinações - o ser suprassumido, em geral - que é a essência."* [43]

A *Medida* já contém a *Essência.* Esta será tratada no próximo capítulo.

[43] Id., ibid., p. 218.

A DOUTRINA DA ESSÊNCIA

"A Essência é o conceito enquanto conceito posto"

Capítulo 2

O Conceito Posto: A Essência

Vejamos como da *Medida* se dá a passagem para a segunda esfera da Idéia Lógica, a Essência.

A *Medida*, que constitui no terceiro nível do Ser (nela - na medida - faz-se em ser completo), é a unidade dos dois primeiros e se torna *Quantitade Qualitativa*. A Essência é o resultado da dialética da *Quantidade*, da *Qualidade* e da *Medida*.

> *"A consciência ordinária apreende as coisas como essentes, e as considera segundo a qualidade, quantidade e medida. Porém essas determinações imediatas não se mostram firmes, mas como em trânsito; e a essência é o resultado da sua dialética. Na essência o transitar não tem mais lugar, mas somente [a] relação".* [1]

Hegel, de início, ao expor sobre a Essência mostra que, nesta esfera da Idéia Lógica, já há a relatividade, ainda que só *em-si* e não ainda *para-si*. Assim, na Essência tudo é relativo, e por ela ser desta forma, ou seja, constituída de relações, neste plano o conceito somente é *posto*; quer dizer, ainda não é *para-si*.

Na sua exposição acerca da verdade, Hegel prossegue no desenvolvimento da Razão Conceituante e, posteriormente, ver-se-á que o conceito não é *"nem ser que passa para outro"* (esfera do Ser), *" nem ser que*

[1] HEGEL **Enciclopédia da Ciências Filosóficas - Ciencia da Lógica,** p. 218

passa em outro", (esfera da Essência), mas um *conceito em movimento,* que é o desenvolvimento pelo qual só é posto o que *em-si* já está presente. Diz Hegel:

> *"A Essência é o conceito enquanto conceito posto. As determinações são, na essência, somente relativas; não são ainda como pura e simplesmente reflexivas em si mesma: por isso o conceito não é ainda como [um] Para-si".* [2]

Na Essência a relação é a determinidade que a caracteriza e o transitar próprio à esfera do ser não tem mais lugar. Nesta esfera anterior (a do Ser) a forma da relação não estava presente. A relatividade aí é só *em-si.* Na esfera da Essência a relatividade aparece e com ela também a *Reflexão*, a qual propicia a mediação do conhecimento do objeto.

É esta, pois, em geral, a diferença da forma do ser e da essência. No Ser, tudo é imediato; na Essência, ao contrário, tudo é relativo e mediado por determinações reflexivas.

> *"La Reflexión es reflexión determinada; con eso la esencia es esencia determinada, o sea esencialidad".* [3]

No Ser e na Essência o que existe é a *reflexão sobre-si.* No primeiro, em forma de *imediatez;* na segunda, em forma de *identidade*. Mas, para Hegel, na Essência este momento da identidade já é uma combinação da imediatez anterior do ser com a *Mediação*. Com a mediação a Essência é uma reflexão, um ser em que o Outro aparece e que aparece em um Outro; e mais: trazendo a característica de ser um Outro na *Diversidade* (uma relação do Uno com seu Outro).

> *"Por conseguinte [a Essência] é a esfera também da contradição posta; contradição que na esfera do ser é somente em-si".* [4]

---

[2] Id., Ibid., p. 222

[3] HEGEL **Ciência de la Lógica**, p. 359

Assinalemos o seguinte: na Doutrina do Ser tínhamos o *Ser* e o *Nada,* o *Ser-aí* e o *Ser-para-si.* Na Essência tem-se a *Identidade,* que é o ser carente de oposição; a *Diferença,* já com a reflexão aparecendo dentro de si; e o *Fundamento:* o *vir-a-ser,* que era *fundamento* do *ser-aí* agora, refletido como fundamento, torna-se *Existência.* Desta feita, portanto, três são as puras determinações da Essência: Identidade, Diferença e Fundamento.

Mas quais seriam os significsdos destas?

Na Identidade, é o momento da essência enquanto reflexão pura, o que significa dizer: é relação para consigo, não mais enquanto imediata, mas enquanto relação refletida, isto é, identidade consigo.

A identidade é um ser como idealidade, posto que veio a ser mediante a suprassunção da determinidade imediata como tínhamos no ser. A identidade verdadeira contém em si o ser e sua determinação como suprassumido.. Hegel nos alerta para o seguinte:

> *"(...) convém aqui não confundir a identidade verdadeira - que contém em si o ser e sua determinação como suprassumidos - com a identidade abstrata meramente formal".* [5]

Com a Essência entra-se para além da imediatez, mas no nível do Entendimento (lógica formal), que não é ainda a Razão Especulativa. Portanto, não há oposição, vez que, o entendimento ainda apreende pela identidade, que é

---

[4] Id., ibid., p. 226

[5] HEGEL **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - A Ciência da Lógica**, p.229

uma reflexão-sobre-si, mas que em contrapartida já substitui a imediatez do ser. Avança, desta feita.

Repetindo o já dito com outras palavras: tanto a imediatez quanto a reflexão- sobre-si são abstrações da relação para consigo. Assim, a Essência tem identidade consigo. Identidade formal ou do Entendimento. É abstrata. Não há oposição.

O contrário da Identidade Formal é a Identidade Concreta. Esta é primeiramente *Fundamento* e depois *Conceito* que contém, em si mesmo, a Diferença.

A lei do entendimento abstrato é a seguinte: tudo é idêntico consigo (A=A) e, negativamente, A não pode, ao mesmo tempo, ser A e não A. Diz Hegel sobre a identidade abstrata:

> *"A=A, no es, en primer lugar, mas que la expresión de una vacua tautologia. Por lo tanto se ha observado correctamente, que esta ley del pensamiento no tiene contenido y no lleva más adelante. De esta manera es la vacua identidad (...)".* [6]

Mas a Essência contém também a Diferença, posto que somente é pura identidade e aparência em si mesma, enquanto é negatividade que se refere a si mesma, e dá o repelir-se de si mesma. Para tanto, contém, essencialmente, a determinação da diferença. Diz Hegel:

> *"La diferencia es la negatividad que la reflexión tiene em si; es la nada, que se dice por medio del hablar idêntico, es el momento esencial de la*

[6] HEGEL **Ciência de la Lógica**, p. 363

identidad misma, que al mismo tiempo está determinada como negatividad de si misma, y es diferente de la diferencia". [7]

Para Hegel importa a compreensão desta Diferença Absoluta que é a diferença acontecida neste momento de negatividade da pura identidade. Trata-se da diferença em-si e para-si.

"Esta diferencia es la diferencia en si y por si, la diferencia absoluta, la diferencia de la esencia. - Es la diferencia en si y por si, y no una diferencia por medio de algo extrinseco, sino tal que se refiere a si; por conseguiente es diferencia simple. Es esto , vale decir, en uno y el mismo respecto, en la tocante a un mismo fundamento de determinación. Se trata de la diferencia de la reflexión, no del ser otro del ser determinado. (...) en la esfera de la reflexión, la diferencia se presenta como diferencia reflejaba, que está puesta tal como está en sí." [8]

É na exposição sobre a diferença como determinação da Essência que Hegel expõe também sobre a *Diversidade*.

"A diversidade é pois diferença de reflexão ou diferença em si mesma, diferença determinada". [9]

É neste âmbito de sua elaboração que o filósofo explicita o *Positivo* e o *Negativo*. Surge então a seguinte diferenciação: entre o *Idêntico*, como carente de determinação, e o *Positivo*, que é o positivo que é o idêntico consigo mesmo, mas enquanto determinado frente a um Outro. O positivo é relação idêntica a si mesma, mas não-indiferente à sua relação para com seu Outro. E o negativo é diferença na determinidade de não ser identidade: é a diferença da diferença nela mesma.

---

[7] Id., ibid., p. 360

[8] Id., ibid., p. 366

[9] HEGEL **Enciclopédio das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica**, p 232

"O positivo é esse diverso que deve ser para si e, ao mesmo tempo, não-indiferente à sua relação para com seu Outro. O negativo deve ser também autônomo - a relação negativa para consigo, ser para si - mas ao mesmo tempo enquanto pura e simplesmente negativo, deve ter essa sua relação para consigo - o seu positivo - somente no Outro. Os dois são essa contradição posta; os dois são o mesmo, em si. Os dois são também para si, enquanto cada um é o suprassumir do Outro e de si mesmo". [10]

Ora, em sendo desta forma, não nos passa ao largo a seguinte compreensão: o ser e o nada no momento da esfera do ser são para-si sem suprassunção de um pelo outro: o ser é o ser para si e o nada é o nada para si. Com o Positivo e o Negativo existe a relação recíproca: um é, enquanto é para o Outro. O positivo é relativo ao Negativo. O contrário também. No ser a relatividade é só em-si; na essência a relatividade é posta. Assim, na essência não se tem nenhum outro de verdade, mas só uma Diversidade, uma relação do Uno ao seu Outro.

"Las determinaciones que constituyen lo positivo y lo negativo, consisten pues, en que lo positivo y lo negativo son, en primer lugar, momentos abolutos de la oposición; su subsistir es inseparablemente una única reflexión;es una única mediación, en que cada uno existe por medio del no-ser de su otro, y por consiguiente por medio de su otro o sea de su proprio no-ser (...) Uno no es todavia positivo y el otro no es todavia negativo, uno que ambos son negativos reciprocamente." [11]

Na Doutrina da Essência, além da Identidade e da Diferença, Hegel expõe sobre a determinação reflexiva do Fundamento que precisamente vem a se constituir na unidade das duas instâncias: Identidade e Diferença. O Fundamento é a verdade daquilo que se produziu com a Diferença e a Identidade. Reflexão sobre si, tanto como reflexão-sobre-outro. Digamos assim: é a Essência posta

---

[10] Id., ibid., p. 237

[11] HEGEL **Ciência de la Lógica**, p. 374

como totalidade. O fundamento é a Essência em si essente. O fundamento é apenas fundamento que funda.

> *"(...) el fundamento es, él mismo, una de las determinaciones reflexivas de la esencia; pero es la última, más bien es sólo la determinación que consiste en ser una determinación eliminada. La determinación reflexiva, al destruirse, consigue su verdadero significado, es decir, el de ser el absoluto contragolpe suyo en si misma; esto es el ser puesto, que le compete a la esencia, existe sólo como ser-puesto superado, y a la inversa sólo el ser puesto que se ha superado es el ser-puesto de la esencia. La esencia, al determinarse como fundamento, se determina como lo no-determinado, y sólo la superación de este su ser-determinado constitue su determinar."* [12]

A *Coisa* (que será vista com mais vagar na seqüência) aparece primeiro na sua imediatez, e depois em seu fundamento, em que não é mais imediata. Mas o processo prossegue e temos que o fundamento na Essência não tem ainda um conteúdo determinado em si e para si, e por isso não é ainda auto-ativo. Isto ocorrerá no Conceito. Ainda que o fundamento não tenha conteúdo determinado, ele é significativo, posto que a Existência só pode vir do Fundamento. A Existência é exatamente o resultado da negação do fundamento. É a própria unidade, ainda que imediata, da reflexão-sobre-si e da reflexão-sobre-Outro. A Existência provém do Fundamento restabelecido por meio da suprassunção da mesma. Diz Hegel:

> *" A Essência, enquanto ser suprassumido, revelou-se para nós, primeiro, como aparecer dentro de si; e as determinações desse aparecer são a identidade, a diferença e o fundamento. O fundamento é a unidade da identidade e da diferença e, como tal , ao mesmo tempo [um] diferenciar-se de si consigo mesmo. Ora, o que é diferenciado do fundamento, tampouco é a simples diferença, que ele mesmo é a identidade abstrata. O fundamento é o suprassumir de si; e aquilo para o qual se suprassume - o resultado de sua negação - é a Existência".*

---

[12] Id., ibid., p. 391

Já entramos, portanto, na transposição do Fundamento para a Existência:

> *"Esta, enquanto é o que provém do fundamento, contém-no dentro de si*; e *o fundamento não fica para trás - por detrás da existência -, mas exatamente, é só esse suprassumir de si, e esse transpor para a existência."*[13]

Ora, o existente é a unidade imediata da reflexão-sobre-si e da reflexão-sobre-outro. Estas duas reflexões são inseparáveis e o fundamento é sua unidade. Os fundamentos são eles mesmos existentes, ou seja, são coisas. O existente é coisa. E os existentes são tanto fundamento quanto seres fundados. A coisa, que é o existente, tem propriedade, é determinada e é concreta.

> *"A coisa é a totalidade enquanto é o desenvolvimento - posto no Uno - das determinações do fundamento e da existência. Segundo um de seus momentos, o da reflexão-sobre-Outro, a coisa tem nela diferença segundo as quais é uma coisa determinada e concreta".* [14]

O existente é, porquanto, *Coisa*. As propriedades da *Coisa* são as diferenças existentes, na forma da diversidade. A *Coisa* tem um nexo que reúne as propriedades diversas. É incorreto, para Hegel, dizer, por exemplo, que algo tem qualidade. O Algo é imediato e nesta esfera não há ainda autonomia para ter, mas somente para ser.

> *"Algo só é o que é, por sua qualidade; ao contrário, a coisa sem dúvida igualmente só existe enquanto tem propriedades".* [15]

---

[13] HEGEL **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica**, p. 243

[14] Id., ibid., p. 244

[15] Id., ibid., p. 245

A Coisa é a conexão das *matérias*. A coisa, tendo sua reflexão-sobre-si nas matérias, não consiste (a coisa) nela mesma, mas nas *Matérias*. A matéria é a existência na determinação reflexiva da identidade. E com ela tem-se também a *Forma,* que é a determinação reflexiva da diferença.

Explicitando com outras palavras, é o seguinte: a matéria única em geral é obtida pelas diversas matérias que são em si cada uma o mesmo que a outra. O que dá à *Matéria* a diferença é a *Forma*. As coisas têm por base a mesma matéria e se tornam diversas pela diferença de modo exterior da *Forma. A Coisa* se decompõe, assim, em *Matéria* e *Forma,* cada uma das quais é a totalidade da coisidade e autonomia em si. A forma consiste em matéria; ela pressupõe uma matéria com a qual se relaciona. Esta relação da forma com a matéria é que torna possível a existência de uma matéria determinada que é concreta, e não a mera abstração de uma matéria indeterminada.

> *"Si se hace abstración de todas las determinaciones, de toda la forma de algo, queda entonces la materia indeterminada. La matéria es un abstrato en absoluto. (No es posible ver, tocar, etc, la materia; lo que se toca, es una determinada materia, es decir una unión de la materia y la forma).* [16]

Prosseguindo na concretização do conceito, outra determinação: a *Aparição* ou o *Fenômeno,* que é tanto consistência (matéria) quanto forma. Consistência que é reflexão-sobre-si e forma que é a reflexão-sobre-Outro.

Com a *Aparição* temos a determinação específica que faz com que a Essência deixe de ser o ser imediato e passe a ser Essência mesmo. E o

---

[16] HEGEL **Ciência de la Logica**, p. 397

Fenômeno é esse aparecer desenvolvido. A Essência que existe é esta Existência que é Fenômeno.

Tratemos, agora do *Mundo do Fenômeno*, do *Conteúdo* e *Forma* e da *Relação*. Este percurso nos levará à *Efetividade*, terceira e última esfera da Doutrina da Essência, a qual é complementada, como já vimos, pela esfera das Puras Determinações-da-Reflexão (a Identidade, a Diferença e o Fundamento) e pela esfera do Fenômeno. Diz Hegel, na Enciclopédia:

> *"O que é superior ao simples fenômeno é a efetividade da qual se vai tratar mais tarde, como terceiro grau da essência".* [17]

Mas cá estamos no momento da exposição de Hegel em que se trata do segundo grau da Essência:

> *"La Existencia es la inmediación del ser, en la cual la esencia se ha restabelecido de nuevo. Esta inmediación es en si la reflexión de la esencia en si. La esencia ha salido de su fundamento com existencia, y el fundamento mismo ha trapasado a ella. La existencia* es *la absoluta negatividade. Desde ahora se halla también puesta como tal, dado que se ha determinado como apariencia (fenômeno). Por consiguiente la aparencia es ante todo la esencia en su existencia; la esencia se halla de modo inmediato en ella. El hecho de que no está como esxistencia inmediata sino reflejaba, constituye en elle el momento de la esencia; o bien la existencia, como existencia esencial, es aparencia."* [18]

Isto significaria dizer que o *Fenômeno* é a *Aparição* desenvolvida? Ora, para Hegel é da seguinte forma que se explicita esta questão. A *Aparição* surge pela própria necessidade do Ser - então já suprassumido como Essência - de aparecer. Ela é a verdade mais próxima do ser, o que é o mesmo que dizer da

---

[17] HEGEL **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica**, p. 251

[18] HEGEL **Ciência de la Lógica**, p. 439

imediatez. Na busca da Aparição de sair de sua interioridade - a Aparição, enquanto é fundamento, só o encontra (o fundamento) fora de si mesma (em um outro) - ela é justamente fenômeno. Daí ter dito, acima, que o fenômeno é, precisamente, o aparecer desenvolvido.

> *"O fenômeno é em geral a verdade do ser e uma determinação mais rica que a do ser, enquanto contém em si reunidos os momentos da reflexão-sobre-si e a reflexão-sobre-outro; quando, ao contrário, o ser ou a imediatez ainda é o carente-de-determinção unilateralmente, e o que (na aparência) repousa somente sobre si mesmo".* [19]

O fenômeno não é mais a aparência-carente-de-essência e que não tem ainda sua reflexão negativa; repousa, tal qual permanece, somente sobre si mesmo. A existência deixa de ser-carente-de-essência na medida em que transpassa a aparência, desenvolvendo-se em fenômeno.

A existência como tal é só algo posto, e não um ser existente-em-si-e-por si, que é o momento de já conter sua essencialidade e abarcar, em si mesma, a negatividade da reflexão (a Essência). Diz Hegel:

> *"No se trata de una reflexión extraña, extrínseca a la que pertenezca la esencia y que por medio de su comparación con la existencia, explique a esta como apariencia. Sino que, tal com se ha mostrado, esta esencialidad de la existencia, es decir, el ser apariencia, es la propria verdad de la existencia. La reflexión, por cuyo medio ello representa esto, le pertenece como propia."* [20]

Em sendo assim, vê-se que neste grau da Idéia Lógica, qual seja, na Essência, o ponto de vista é em geral o ponto de vista da Reflexão. Hegel aqui explicita as determinações diversas para que a Essência se ponha.

---

[19] HEGEL.**Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica**, p 251

[20] HEGEL **Ciência de la Lógica**, p. 439

"(...) essas coisas não devem ser tomadas isoladamente em sua imediatez, mas como um complexo (...) em suas diversas relações". [21]

Reafirmando o já dito, o Fenômeno tanto é consistência (matéria) quanto é forma. Enquanto matéria, é reflexão-sobre-si, e enquanto forma, é reflexão-sobre-Outro, consistência que se suprassume.

O mudar de um em outro, ou seja, do conteúdo em forma ou da forma em conteúdo, é, pela exposição de Hegel, uma das determinações reflexivas mais importantes; ainda que, por tal determinidade-de-mudar-um em-outro, o fenômeno, estando posto, não o é, ainda. A verdade do fenômeno só é pela *Relação*. Diz Hegel:

"A relação essencial é a maneira determinada, totalmente universal, do aparecer. Tudo o que existe está em relação e essa relação é o verdadeiro de cada existência. Por isso o existente, não abstratamente para si, mas só para Outro; mas nesse outro é a referência a si mesmo; e a relação é a unidade da referência a si e da referência a Outro". [22]

Importa destacar que *Conteúdo* e *Matéria* se distinguem, como, diz Hegel:

"(...) os dois (conteúdo e matéria) se distinguem um do outro justamente porque a matéria, embora em si não seja sem forma, mostra-se no ser-aí como indiferente para com ela, quando, ao contrário o conteúdo como tal só é o que é porque contém dentro de si a forma desenvolvida". [23]

A *Relação* entre este par de determinidade (conteúdo e forma) é que permite os diferentes serem o que verdadeiramente são: a mesma coisa, ou seja, o

---

[21] HEGEL **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica**, p. 224

[22] Id., ibid., p. 255

[23] Id., ibid., p. 252

Conteúdo como *Forma* desenvolvida. Para Hegel, chega-se à *Relação da Essência*:

> *"La verdade del fenômeno consiste en la relación esencial".* [24]

Há uma distinção significativa, a meu ver, a ser feita. Trata-se da relação não-verdadeira ou inessencial e da relação essencial, que contém a *Força* e sua própria *Exteriorização*.

Assinalemos alguns aspectos, para que melhor prossigamos na presente elaboração.

Inicialmente, é preciso estarmos atentos para uma possível compreensão equivocada, qual seja, a de que as partes em sua relação idêntica de um com os outros, tomados em conjunto, constituem o *Todo*. Mas o "em conjunto", diz Hegel, é o contrário e a negação da *Parte*. E complementa, na **Enciclopédia - Ciência da Lógica**.

> *"A relação do todo e das partes é não-verdadeira na medida em que seu conceito e sua realidade não correpondem um ao outro. O conceito do todo é o de conter* partes. *Mas, se o todo é posto com o que é segundo o seu conceito, ele se divide, e assim deixa de ser um todo. Ora, de fato há coisas que correspondem a essa relação, mas essas são também justamente por isso somente existências inferiores e não-verdadeiras. A propósito convém lembrar, em geral, quando se trata em uma discussão filosófica de não-verdadeiro, não se pode entender como se semelhante coisa não existisse. Um mau Estado ou um corpo doente podem decerto existir; mas esse objetos são não-verdadeiros, pois seu conceito e sua realidade não se correspondem mutuamente".* [25]

---

[24] HEGEL.**Ciência de la Lógica**, p. 451

[25] HEGEL **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica**, p. 225

A *Força* é que dá ao todo a relação negativa e que afasta o *Todo* de ser um "em conjunto". A *Força* consiste em repelir-se de si e exteriorizar-se. Ela é em primeiro lugar a mediação existente, mas, ao contrário, ela mesma está determinada como a unidade negativa. O existente é, negativamente, pela *Força.* Esta é a própria reflexão que, uma vez pertencente à coisa existente, é a matéria. Para Hegel não há nenhuma razão para a *Coisa* ter *Força.* No entanto, ao contrário, a *Força* tem essencialmente a *Coisa* como sua pressuposição. Nas palavras de Hegel:

> *"A força - enquanto é o todo que em si é a relação negativa a si - consiste em repelir-se de si e em exteriorizar-se. Mas já que essa reflexão-sobre-Outro, a diferença das partes, é igualmente reflexão-sobre-si, a exteriorização é a mediação pela qual a força, que retorna a si mesma, é enquanto força".* [26]

Ao tratar da *Força* e sua *Exteriorização,* Hegel se refere ao *Interior* e ao *Exterior* enquanto determinação-de-forma na unidade do movimento da *Força,* da reflexão-sobre-si (interior enquanto fundamento) e da reflexão-sobre-outro (exterior enquanto existente) - os dois são a totalidade Una -, e essa unidade faz deles o *Conteúdo.*

Ainda sobre a exteriorização da *Força,* diz Hegel, mais adiante em sua exposição, alcançando a determinidade da Efetividade:

> *"Pela exteriorização da força, o interior é posto na existência; esse pôr é o mediar através de abstrações vazias; desvanece em si mesmo em direção à imediatez, em que o interior e o exterior são em si e para-si idênticos e sua diferença é determinada somente como ser-posto. Essa identidade é a Efetividade."* [27]

---

[26] Id., ibid., p. 260

[27] Id., ibid., p. 263

Sobre a *Efetividade*,vejamos no que se constituiu para Hegel, apoiando-nos nesta última citação do filósofo.

Ora, pela exteriorização da *Força*, o interior, que é a essência, é posto na existência. A realidade (ou efetividade) é pois esta unidade entre *Interior* e *Exterior*, entre Essência e Existência. Diz Hegel na **Ciência da Lógica**:

> *"La realidad es la unidad de la esencia y la existencia. (...) Esta unidad de lo interior y lo exterior es la realidad."* [28]

Desta feita, a *Efetividade* é a própria exteriorização do efetivo, sendo portanto o efetivo mesmo; este só é essencial enquanto está numa existência imediata exterior.

Hegel, neste plano de sua exposição, elabora o que denomina "círculos das determinações" da *Possibilidade* e *da Efetiv*idade imediata, e em seguida direciona-se para a análise sobre a necessidade, a qual, segundo o filósofo, é a efetividade desenvolvida enquanto movimento do *Interior* e do *Exterior*. Tal necessidade mediatizada por uma cadeia de circunstâncias é em sua forma imediata *Relação de Substancialidade* e de *Acidentalidade*. Para Hegel, a Substância é causa posto que reflete-sobre-si na sua passagem para a *Acidentalidade*. Trata ele também da *Relação de Causalidade*, que o leva, irremediavelmente, para a *Relação da Ação-Recíproca*.

Nesta, a *Necessidade* é desvelada, ou *posta*. Tem-se a verdade da *Necessidade*, qual seja: a *Liberdade*. Por outro lado, tem-se a verdade da *Substância*, qual seja: o *Conceito*.

---

[28] HEGEL. **Ciência de la Lógica**, p. 467

Para Hegel, e de acordo com o pensamento conceituante, a *Efetividade* é mais abrangente do que a *Possibilidade*, o que, para a simples representação do entendimento de uma lógica formal, seria o contrário. Nas suas palavras:

> *"Para a representação a possiblidade aparece inicialmente como a determinação mais rica e mais abrangente; e a efetividade, ao contrário, como a mais pobre e a mais restrita. Por conseguinte se diz 'tudo é possível; mas nem tudo que é possível é, por isso, também efetivo'. De fato - quer dizer, de acordo com o pensamento - a efetividade é, contudo, o que há de mais abrangente; porque como pensamento concreto, em si contém a possibilidade como momento abstrato. Isso se encontra também na nossa consciência ordinária, quando, ao se falar do possível em sua diferença do efetivo, nós o designamos como somente possível. Em geral, costuma-se dizer da possibilidade que consiste apenas na 'pensabilidade'. Mas, aqui, o que se entende por pensar é apenas o apreender de um conteúdo na forma da identidade abstrata."* [29]

Hegel classifica na **Enciclopédia Ciência da Lógica** três *Relações*: *de Substancialidade*, *de Causalidade* e *de Ação-Recíproca.*

A *Substância* é a totalidade dos *Acidentes;* riqueza de todo o *Conteúdo*, é o degrau essencial no processo-de-desenvolvimeno da idéia, ainda na forma limitada da necessidade. Para Hegel:

> *"A substancialidade é a absoluta atividade-da-forma, e o poder da necessidade, e todo o conteúdo é apenas momento, que só a esse processo pertence: o absoluto tranformar-se de forma e de conteúdo, um no outro".* [30]

A *Substância,* como já ficou dito, é propriamente relação. E como é Substância na primeira forma da *Necessidade* é *Relação-de-Causalidade.*

---

[29] HEGEL **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica**, p. 269

[30] Id., ibid., p. 280

Substância é *Coisa* originária; é causa perante o seu passar pela *Acidentalidade*, ao mesmo tempo que, ao suprassumir sua simples possibilidade, põe-se como negativo de si mesma e produz um efeito, não permanecendo na causalidade como tal.

Ora, para Hegel e pela lógica do conceito, *Causa* e *Efeito* não são apenas diferentes, mas também são geralmente idênticos. São ambos um só e mesmo conteúdo e sua diferença é somente de pôr e do ser-posto.

> *"Diferença-de-forma que aliás se suprassume de novo de forma que a causa não é só a causa de um Outro, mas também a causa de si mesma".* [31]

A relação-da-causalidade em seu pleno desenvolvimento é, precisamente, a *Relação da Ação-Recíproca.* Na lógica conceituante, segundo Hegel, a *Ação-Recíproca* é a verdade mais próxima da relação de *Causa* e *Efeito* e está no limiar do Conceito.

Há na exposição de Hegel a tranfiguração da *Necessidade* em *Liberdade* ou do *Efetivo* em *Conceito*:

> *"Eis a tranfiguração da necessidade em liberdade; liberdade essa que não é simplesmente a liberdade de negação abstrata, mas antes a concreta e positiva liberdade. (...) Sem dúvida, a necesidade enquanto tal ainda não é a liberdade; mas a liberdade tem por sua pressuposição a necessidade, e a contém como suprrassumida dentro de si".* [32]

* * *

[31] Id., ibid., p. 284

[32] Id., ibid., p. 287

DOUTRINA DO CONCEITO

"O Conceito é o absolutamente Concreto"

Capítulo 3

O Abstrato Concretizado: O Conceito

O Ser é o conceito somente em si; a Essência é o conceito enquanto conceito posto, e... complemento, na forma de pista sinalizadora da estrutura interna da presente elaboração, iniciando este terceiro e último capítulo da Parte Segunda -... o *O Conceito é o absolutamente concreto.*

Do *Começo Abstrato: o Ser e o Nada* (Doutrina do Ser - 1° capítulo) avançamos para o *Conceito Posto: a Essência* (Doutrina da Essência - 2° capítulo) e cá estamos na construção d' *O Abstrato Concretizado - O Conceito* (Doutrina do Conceito). Três são, por conseguinte, os momentos que se articulam no movimento imanente da lógica dialética, através do qual o conceito se concretiza em Hegel.

O começo ocorreu pelo percurso do Ser e do Nada pelas determinações-da reflexão da Essência, e o Conceito surge como resultado, vem ao final. É bem desta forma que a Lógica Especulativa hegeliana funciona. O Conceito enquanto unidade do Ser e da Essência é precisamente o *Resultado* obtido pelo conhecimento das duas outras esferas da Idéia Lógica (Ser e Essência) considerado em seu próprio desenvolvimento dialético e enquanto suprassumindo-se a si mesmo para se constituir nesta unidade. Diz Hegel:

> *"(...) onde se trata de conhecimento pensante não se pode começar com a verdade, pelo motivo de que a verdade, já que foram o começo, repousa em simples asseveração; mas a verdade pensada como tal tem de provar-se para o pensamento".* [1]

[1] HEGEL **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica**, p. 289

Com o abstrato concretizado no conceito, Hegel alcança um *Resultado,* que significa uma negação plena de determinações diversas; chega o pensamento do Universal Concreto, que é a elevação ao pensamento racional ou especulativo.

As determinações do Ser e da Essência são determinações-de-pensamento. Tanto a imediatez do Ser quanto a reflexão-de-pensamento da Essência são determinações da relação-para-consigo. São conceitos; decerto, mas ainda conceitos determinados; conceitos-em-si. O conceito ainda não é determinado como algo particular, nem como algo singular; também não contém o universal.

Para Hegel, o momento do conceito como Resultado de todo um processo dialético é o do *Conceito Concreto*:

> *"O conceito é o absolutamente concreto, porque a unidade negativa consigo enquanto ser-determinado-em-si-e-para-si, que é a singularidade, ela mesma constitui sua relação consigo, a universalidade. Os momentos do conceito não podem, nessa medida, ser separados; as determinações-da-reflexão devem ser apreendidas e valer, cada uma para si, separada da determinação oposta; mas, enquanto sua identidade é posta no conceito, cada um de seus momentos só pode ser apreendido a partir dos outros e com os outros".* [2]

Às duas primeiras partes da Lógica - Ser e Essência, Hegel denominou *Lógica Objetiva.* Em contrapartida, o Conceito é a *Lógica Subjetiva.*

---

[2] Id., ibid., p. 298 e 299

A Lógica Objetiva tem como objeto as Categorias e a Determinação da Reflexão. No Ser: qualidade, quantidade e medida. Na Essência: identidade, diferença e fundamento.

A Lógica Subjetiva tem como objeto o conceito na sua identidade consigo; é o determinado em-si e para-si.

> *"O conceito é o [que é] livre, enquanto potência substancial essente para si. E é totalidade, enquanto cada um dos momentos é o todo que ele [mesmo] é, e é posto com ele como unidade inseparável; assim, na sua identidade consigo, o conceito é o determinado em si e para si".* [3]

É por este caminhar que Hegel elabora uma Nova Lógica que não é apenas formal; é plena de conteúdo (é matéria e forma), trabalhada pela atividade do conceito que faz com que as coisas sejam o que são.

> *"O conceito é, antes, verdadeiramente primeiro, e as coisas são o que são pela atividade do conceito a elas imanente e que nelas se revela".* [4]

Há que se fazer a diferença, diz Hegel, entre o simplesmente concreto e o absolutamente concreto.

> *"O absolutamente-concreto é o espírito, o conceito, enquanto existe como conceito diferenciando-se de sua objetividade, mas que, apesar da diferença, permanece a sua objetividade. Qualquer outro concreto, por rico que seja, não é tão intimamente idêntico consigo, e portanto não é nele mesmo tão concreto; muito menos ainda o que se entende comumente por concreto, uma multiformidade exteriormente congregada".* [5]

---

[3] Id., ibid., p. 292

[4] Id., ibid., p. 298

[5] Id., ibid., p. 299

Segundo Hegel, para o pensar filosófico é salutar que o conceito da razão especulativa seja compreendido na rica dimensão e complexidade de suas determinações. É só desta forma que se sai da dimensão do entendimento ordinário pelo qual se entende por concreto apenas o sensivelmente concreto, o que é imediatamente perceptível.

> *"O conceito como tal não se deixa agarrar com as mãos; em geral quando se trata do conceito, o ouvir e o ver devem desaparecer para nós. Não obstante, o conceito é, como antes se notou, ao mesmo tempo o simplesmente concreto, e isto enquanto [o conceito] contém em si numa unidade ideal toda a riqueza das duas esferas."* [6]

Vê-se que são formas diferentes de conceito: aquele encontrado na Lógica Formal do Entendimento e outro o Conceito Especulativo. Neste, conteúdo e forma estão tão intimamente interligados que o conceito não pode ser uma forma em si carente-de-conteúdo, pois desta forma vazia e oca nada poderia ser deduzido. Por outro lado, com a redução de um conteúdo dado à vazia forma do conceito, seria este conteúdo apenas despojado de sua determinação, mas não seria conhecimento.

A Doutrina do Conceito divide-se em três partes *Doutrina do Conceito Subjetivo ou Formal; Doutrina do Conceito como determinado à imediatez ou Doutrina da Objetividade; e Doutrina da Idéia - isto é, do sujeito-objeto, que é a unidade do conceito e da objetividade.*

Na doutrina do conceito não há preocupação sobre se algo é verdadeiro ou não. Hegel trata de expor sobre a *forma como tal* do Conceito, do Juízo e do

[6] Id., ibid., p. 293

Silogismo. Ele considera importante investigar a conexão necessária a nível do *Formal* para que o verdadeiro realmente apareça.

Para tanto, no Conceito Subjetivo ou Formal desenvolve sobre o *Conceito como tal,* sobre o *Juízo (sujeito e predicado)* e sobre o *Silogismo*, relação que mediatiza a unidade de ambos: *Conceito como tal* e *Juízo.*

Sobre o *Conceito como tal* diz Hegel na **Enciclopédia - Ciência da Lógica**:

> *"O conceito como tal contém os momentos da universalidade, enquanto livre igualdade consigo mesma em sua determinidade; da particularidade, da determinidade em que permanece o universal inalteradamente igual a si mesmo; e da singularidade, enquanto reflexão-sobre-si das determinidades da universalidade e da particularidade; a qual unidade negativa consigo é o determinado em si e para si, e ao mesmo tempo o idêntico consigo ou o universal."*[7]

Importa tratar de cada um desses momentos: *Universalidade*, *Particularidade* e *Singularidade.*

> *"Só as verdadeiras diferenças do conceito - o universal, o particular e o singular - constituem espécies de conceitos, e ainda somente na medida em que são mantidas fora umas das outras por uma reflexão exterior. A diferenciação e o determinar, imanentes do conceito, estão presentes no juízo, porque o julgar é o determinar do conceito."* [8]

Retomemos a asseveração de Hegel de que *"as coisas são o que são pela atividade do conceito a ela imanente e que nelas se revela."* O filósofo aí expõe

---

[7] Id., Ibid., p. 296

[8] Id., ibid., ps. 300 e 301

sobre o processo do conceito enquanto forma infinita, pleno de vitalidade porquanto absolutamente ativo. Conceituar um objeto é precisamente ser consciente de seu conceito como uma unidade concreta de determinações; é considerar que o conceito é imanente às coisas mesmas e que por ele as coisas são. O movimento da particularidade é o momento do julgar que não está só em nossa cabeça, porém no próprio objeto. Hegel ilustra com um exemplo do nosso cotidiano:

> *"Assim, por exemplo, (...) o gérmen de uma planta já contém, na verdade, o particular da raiz, dos ramos, etc.; mas esse particular só está presente em sí e só é posto quando o gérmen se abre; o que há de considerar como o julgamento da planta. Esse exemplo pode também servir para fazer perceptível como nem o conceito, nem o juízo se encontram simplesmente formado por nós. O conceito é o imanente às coisas mesmas".* [9]

O momento do Universal contém o Particular e o Singular, ao mesmo tempo que não é particularidade nem singularidade. Isto significa, em Hegel, que Homem, casa, animal são universais, determinações simples, representações abstratas que o conceito só retém no momento da universalidade e da singularidade: é na singularidade que se dá a reflexão-sobre-si da determinidade da universalidade e da particularidade.

> *"(...) o universal é o idêntico consigo mesmo expressamente na significação de que nele se contém ao mesmo tempo o particular e o singular. Além disso, o particular é o diferenciado ou a determinidade, mas na significação de que é o universal em si e como singular".* [10]

A singularidade é a unidade negativa consigo e o determinar em si e para-si, e ao mesmo tempo o idêntico consigo ou o universal. Exclui de si outras determinações; é o absolutamente determinado. O singular é o mesmo que o

---

[9] Id., ibid., p. 303

[10] Id., ibid., p. 295

efetivo, sendo que este pode efetuar, enquanto o singular é o simplesmente efetuante.

> *"O singular é o mesmo que o efetivo; só que o singular proveio do conceito, por isso é posto como universal, como a unidade negativa consigo. O efetivo, por ser somente em si ou imediatamente a unidade da essência e da existência, pode efetuar; mas a unidade do conceito é pura e simplemente o efetuante, e, na verdade, também não mais como a causa, com a aparência de efetuar um Outro, mas sendo o efetuante de si mesmo. Contudo, a singularidade não é para ser tomada no sentido de uma singularidade imediata apenas, segundo a qual falamos de coisas e de homens singulares; essa determinidade da singualaridade só ocorre no juízo. Cada momento do conceito é, ele mesmo, o conceito todo; mas a singularidade, o sujeito, é o conceito posto como totalidade."* [11]

A realização do *Juízo* ocorre quando um *predicado* é atribuído a um *sujeito* pela cópula *"é"*. É o momento da particularidade; é a relação recíproca da universalidade e da singularidade; é o universal posto, numa determinação.

> *"A cópula 'é' vem da natureza do conceito, de ser idêntico consigo na sua extrusão. O singular, enquanto são momentos seus, são determinidades que não se pode*m *isolar".* [12]

O momento da particularidade ocorre no juízo porque o julgar é propriamente o determinar do conceito. É importante, contudo, não perder a dimensão de processo enquanto forma infinita, e atentar, segundo Hegel, para a compreensão do juízo enquanto um particular em si; não porém como uma particularização do conceito que como tal ainda não está posto:

> *"(...) o juízo somente é a verdadeira particularidade do conceito, pois é a determinidade ou a diferenciação desse último; a qual permanece universalidade".* [13]

---

[11] Id., ibid., p. 296

[12] Id., ibid., p. 302

[13] Id., ibid., p.

O conceito na sua identidade consigo é determinado em-si e para-si; é o resultado de todo o movimento lógico que vem desde o ser e o nada imediato, passando pelas determinações reflexivas da essência.

No senso comum o conceito é algo abstrato, vazio, sem conteúdo. O conceito exposto por Hegel é um resultado que contém todas as determinações anteriores do pensar. Diz Hegel:

> *"Com certeza, o conceito tem de ser considerado como forma, mas como forma infinita, criadora, que em si encerra e ao mesmo tempo deixa sair de si, a plenitude de todo conteúdo".* [14]

Na Lógica Dialética da razão conceituante de Hegel conteúdo e forma estão intimamente interligados como elementos do juízo: *Sujeito* e *Predicado*.

O *Sujeito* é antes de tudo o singular e o *Predicado* é o universal; o *Predicado* é o enunciado. O *Juízo* mesmo não é senão o conceito determinado, ou seja, particularizado.

O *Sujeito* sem o predicado é vazio de conteúdo; é pura representação.

> *"Só no predicado o sujeito tem sua determinidade expressa e conteúdo".* [15]

O *Predicado*, e não o *Sujeito*, contém o conteúdo:

> *"(...) o predicado é o abstrato, o indeterminado, o universal. Mas já estão ligados por 'é', deve também o predicado conter, em sua universalidade, a determinidade do sujeito; e desse modo ela é particularidade, a qual é*

[14] Id., ibid., p. 292

[15] Id., ibid., p. 304

identidade posta do sujeito e do predicado; enquanto, pois, ela é algo indiferente a essa diferença de forma, é conteúdo." [16]

Hegel expõe sobre formas de juízos - *Qualitativos*, da *Reflexão*, da *Necessidade* e do *Conceito* - e nos alerta para que não os tomemos justapostos uns aos outros, mas, antes, inseridos numa série de graus cuja diferença repousa exatamente no conteúdo, ou seja, na significação lógica do predicado.

A verdade que contém conteúdo não está ainda posta no *Juízo Qualitativo*. Neste tipo de juízo o predicado é uma qualidade abstrata, mediata; forma e conteúdo não correspondem um ao outro:

"(...) a inverdade do juízo imediato consiste em que sua forma e seu conteúdo não correpondem um ao outro". [17]

Há diferença entre um *Juízo Qualitativo* e um *Juízo de Conceito*. Para explicitá-la, Hegel cita dois enunciados: *"Esta rosa é vermelha"* e *"Esta ação é boa"*. No primeiro, haveria *Juízo Qualitativo*:

"Quando dizemos: esta rosa é vermelha, está implicada na cópula 'é' que sujeito e predicado concordam um com o outro. Ora, a rosa como um concreto, não é simplesmenete vermelha, mas também exala perfume, tem uma forma determinada e muitas determinações diversas, que não estão contidas no predicado 'vermelho'. [18]

Já o *Juízo do Conceito*, Hegel assim o entende no segundo enunciado:

"Diversamente ocorre com o juízo do conceito. Quando dizem: esta ação é boa, eis um juízo do conceito. Nota-se logo que aqui entre sujeito e predicado não se encontra essa ligação frouxa e exterior do juízo

---

[16] Id., ibid., p. 304

[17] Id., ibid., p. 308

[18] Id., ibid., p. 308

imediato. Enquanto nesse juízo o predicado consiste em uma qualidade abstrata qualquer que pode pertencer, ou não, ao sujeito - no juízo do conceito, ao contrário o predicado é, por assim dizer, a alma do sujeito". [19]

Tais espécies de juízos (*Qualitativo*, da *Necessidade*, da *Reflexão* e do *Conceito*) indicam graus diferentes em que o predicado se eleva à universalidade essencial. Quanto aos *Juízos de Necessidade*, expressam uma relação interior, necessária, predicado ao sujeito. E o que faz a relação do juízo ser uma relação necessária é a *"unidade de conteúdo, como universalidade idêntica à reflexão-*sobre-*si negativa do sujeito".* [20]

Para Hegel, os juízos da necessidade, enquanto identidade de conteúdo em sua diferença, podem ser de três espécies: *Juízo Categórico,* que é o juízo, digamos como Hegel, *imediato* (esfera do Ser) *da necessidade* e corresponde à *relação-de-substancialidade* na esfera da Essência (Hegel ilustra com o exemplo: *O ouro é metal; a rosa é uma planta) Juízo Hipotético* e *Juízo Disjuntivo.* Diz Hegel:

"No juízo hipotético, a determinidade do conteúdo aparece como mediatizado, como dependente de outra coisa, e isso é justamente a relação de causa e efeito. Ora, a significação do juízo hipotético é, em geral que por meio dele o universal é posto em sua particularização, e assim obtemos como terceira forma o juízo da necessidade, o juízo disjuntivo". A é B ou C ou D: a obra-de-arte poética ou lírica, ou épica ou dramática". [21]

---

[19] Id., ibid., p. 308

[20] Id., ibid., p. 311

[21] Id., ibid., p. 313

Retomando o *Juízo do Conceito* para fazer referência ao *Juízo Assertórico*, a este se atribui a *faculdade-de-julgar*. É o, propriamente, juízo do conceito e o momento através do qual ocorre o preenchimento da cópula "é".

> *"O sujeito é antes de tudo um singular, que tem por predicado a reflexão do ser-aí particular sobre seu universal - a concordância ou não-concordância dessas duas determinações; bom, verdadeiro, justo etc.: - [é o juízo assertórico]"* [22]

Ora, julgar se um objeto ou um ato é bom ou mau, verdadeiro, belo, etc. é de outra ordem que, de maneira preliminar, dizer que uma rosa é vermelha.

O *Juízo Assertórico* se constrói em dois momentos. Num primeiro, quando a particularidade objetiva ainda não está posta, é somente um *Juízo Problemático*. Ora, uma vez posta no sujeito tal particularidade objetiva, ou seja, o sujeito passando a exprimir a relação da particularidade, a sua constituição, o seu gênero, têm-se então um *Juízo Apodítico*. Em Hegel:

> *"(esta - singularidade; casa - o gênero; constituída assim ou assim - particularidade; é boa ou má) - juízo apodítico. Todas as coisas são um gênero (sua determinação e fim) em uma efetividade singular e de uma constituição particular; e sua finitude consiste em que o seu particular pode ser conforme - ou não - ao universal".* [23]

No *Conceito Subjetivo* ou formal desenvolve-se também o silogismo, que é a relação que mediatiza a unidade do *Conceito como tal* e o *Juízo*.

> *"O silogismo é unidade do conceito e do juízo: é o conceito enquanto a identidade simples, à qual retornaram as diferenças-de-forma do juízo; é o juízo enquanto ao mesmo tempo é posto na realidade, a saber, na diferença de suas determinações. O silogismo é o racional; e todo o racional".*

---

[22] Id., ibid., p. 313

[23] Id., ibid., p. 314

Vejamos, outrossim, o próprio movimento do silogizar na dinâmica do processo dialético. Para tanto, assinalemos, que a passagem para o *Silogismo* faz-se pelo *Juízo Apodítico*. Diz Hegel:

> *"(...) precisamente, é o juízo apodítico que forma a passagem para o silogismo. No juízo apodítico, temos um singular que por sua constituição se refere a um universal, isto é, a seu conceito. O particular aparece aqui como meio termo entre o singular e o universal, e esta é a forma básica do silogismo cujo desenvolvimento ulterior, apreende formalmente, consiste em que o singular e o universal ocupem esse lugar, pelo qual se forma então a passagem da subjetividade para a objetividade".* [24]

Ao expor sobre o processo ativo do conceito, Hegel destaca que, embora seja correta a afirmação de que o juízo remete ao silogismo, o *movimento*, próprio ao juízo mesmo, é que precisamente põe-se como silogismo. Diz:

> *"Ora, é bem verdade que o juízo remete ao silogismo, porém é simplesmente por agir subjetivo nosso que essa progressão se efetua; mas é o juízo mesmo que se põe como silogismo, e nele retorna à unidade do conceito".* [25]

Desta feita, vimos, o juízo remete ao silogismo. Este é o próprio fundamento do juízo.

Temos graus - qual o *Juízo* - no *Silogismo*: *Silogismo Qualitativo,* que é o silogismo do *"ser-aí"*; *Silogismo-de-Reflexão;* e *Silogismo-da-Necessidade.*

---

[24] Id., ibid., p.316

[25] Id., ibid., p. 316

O *Silogismo-da-Reflexão* é a unidade refletida, ou seja, *desenvolvida,* da singularidade e da universalidade, quando a unidade mediatizante do conceito não deve mais ser posta como uma particularidade abstrata.

> *"(...) a singularidade, determinidade ao mesmo tempo como universalidade. Tal meio-termo dá o silogismo-da-reflexão".*[26]

Por seu turno, o grau anterior, qual seja, o *Silogismo Qualitativo,* é o silogizar formal ainda se pondo como a própria forma que é o silogismo, ainda sem ser, contudo, racional. Porém, constitui-se na mediação da determinidade, pela qual o pensar é a razão. O silogismo é pois a forma.

> *"O silogismo não é outra coisa que o conceito posto (de início, formalmente) (...) Por causa disso o silogismo é o fundamento essencial de todo o verdadeiro".* [27]

E sobre o silogismo imediato, ou *Qualitativo*, diz Hegel que:

> *"(...) consiste em que as determinações-do-coneito se contrapõem mutuamente enquanto abstratas, somente em relação exterior; de modo que os dois extremos são a singularidade e a universalidade enquanto conceito, como meio-termo que os conclui juntos a ambos, é igualmente apenas a particularidade abstrata. Assim, os extremos são postos subsistindo por si; indiferentes tanto um para o outro, como para com seu meio termo. Esse silogismo é, assim, o racional enquanto carente-de-conceito - silogismo formal de entendimento".* [28]

São três as figuras pela quais o *Silogismo Qualitativo* atravessa no processo para o *Silogismo-da-Reflexão*: a primeira figura é S-P-U (o singular é mediatizado como o universal e nessa conclusão é posto como universal); na

---

[26] Id., ibid., p. 323

[27] Id., ibid., p. 315

[28] Id., ibid., p. 316

progressão dá-se a segunda figura do silogismo qualitativo: U-S-P (essa figura exprime a verdade da primeira figura de que a mediação ocorreu na singularidade, ou seja, de que o singular, enquanto sujeito, é a unidade dos dois extremos). Quanto à terceira figura, diz Hegel:

> *"A segunda figura conclui-junto o universal (que da conclusão precedente resultava determinado pela singularidade, e por isso assume agora o lugar do sujeito imediato) com o particular. O universal é assim posto como particular mediante essa conclusão; portanto como o mediatizante dos extremos, cujos lugares os outros agora assumem: é a terceira figura do silogismo: P-U-S."* [29]

É relevante destacar aqui o aspecto *contingente*, segundo Hegel, deste silogismo imediato, ou seja, do silogismo do entendimento. O filósofo, na sua exposição, alcança o momento do conceito especulativo, o qual, nesta esfera somente, deixa-se penetrar, por suprassunção, daquele silogizar qualitativo.

Em relação ao simples silogismo-do-entendimento, no qual a singularidade, a particularidade e a universalidade se contrapõem de modo igualmente abstrato, um ao outro, diz Hegel, no que demonstra a insuficiência (no sentido mesmo de limite) deste grau de silogismo:

> *"Esta rosa é vermelha; ora, vermelho é uma cor; logo a rosa é algo colorido'. Essa figura do silogismo é a que se costuma, principalmente, tratar na lógica ordinária. Outrora o silogismo se considerava como regra absoluta do conhecimento, e uma afirmação científica só contava por justificada se era demonstrada como mediatizada por um silogismo. Hoje em dia, é quase* somente *nos compêndios de Lógica que se encontram as diversas formas de silogismo, e seu saber passa como sendo um oco saber-de-escola, de que não se pode depois fazer qualquer uso, nem na vida prática nem na ciência."* [30]

---

[29] Id., ibid., p. 321

[30] Id., ibid., p. 318

Para Hegel, tal silogismo é também contingente pela forma de relação que há nele. Ora, segundo o conceito de silogismo o verdadeiro é a relaç~qo de termos diferentes através de um meio-termo que é sua unidade. Porém, segundo o filósofo, os extremos, as assim chamadas *premissas maior e menor,* são ainda relações imediatas.

No *Silogismo Qualitativo* o *meio-termo* (o particular do sujeito) dá o *Silogismo de Todidade,* que significa, precisamente, que tal *meio-termo* (*medius terminus*) enquanto soma total repousa na indução, que por sua vez também repousa na *Analogia. Em tal Silogismo de Todidade* a premissa maior, cujo sujeito é o determinado particular, tem por pressuposição a conclusão, quando a conclusão é que deveria ter a maior por pressuposição.

> *"Por isso, a maior repousa sobre a indução, cujo meio-termo são os singulares como tais, a, b, c, d, etc., em sua integralidade. Mas enquanto a singularidade empírica imediata é diferente da universalidade, e por esse motivo não pode proporcionar nenhuma integralidade, a indução repousa sobre a analogia".* [31]

Para Hegel, resultar na analogia constitui-se na própria deficiência da indução, a qual é sempre incompleta - ainda que o filósofo não desconsidere os grandes resultados a que se chegou nas ciências empíricas por esse caminho. Ademais, já estamos inseridos na incorporação da lógica especulativa hegeliana, a qual só nega pela suprassunção.

Sobre a superficialidade e pedantismo do *Silogismo da Todidade,* diz Hegel:

> *"Todos* os *homens são mortais, logo Caio é mortal'. 'Todos os condutores são condutores elétricos, logo também, por exemplo, o cobre'. Para poder*

[31] Id., ibid., p. 323

enunciar essas maiores, que exprimem os Singulares imediatos com 'todos', e devem ser essencialmente proposições empíricas, é preciso que já antes se tenham constatado como corretas, para si, as proposições sobre o Caio singular, sobre o cobre singular. Com razão a ninguém passa despercebido não simplesmente o pedantismo, mas o formalismo que nada diz, de tais proposições como: 'Todos os homens são mortais; ora, Caio é..., etc." [32]

Dando prosseguimento aos graus de silogismos, Hegel expõe sobre o *Silogismo-da-Necessidade*. O silogizar da necessidade recebe a determinacão de conter essencialmente a negação das determinidades. Mas que quer significar, em Hegel, *negação das determinidades*? Vejamos.

Ora, ficou visto no Silogismo Qualitativo que o sujeito pode referir-se a diferentes universais através do *medius terminus*:

"como imediato (...) tem muitas determinidades; pode ser concluído - junto com outras universalidades igualmente diversas; assim como uma particularidade singular pode, por sua vez, ter em si diversas determinidades..." [33]

Contudo, na busca de expor o momento do conceito concretizado, Hegel percebe o formalismo existente neste momento do silogizar. Diz o filósofo:

"Portanto, não é de admirar se mais tarde as figuras forem tratadas como um formalismo vazio. No entanto, tem sentido muito profundo, que repousa na necessidade de que cada momento, enquanto determinação-de-conceito, se torne ele mesmo o todo e o fundamento mediatizante. Aliás, que determinações podem ter essas proposições, se podem ser universais ou negativas, para conduzir em cada figura a uma conclusão correta - essa é uma investigação mecânica, que com razão caiu no

[32] Id.,ibid., p. 324

[33] Id., ibid., p. 319

esquecimento por seu mecanismo carente-de-conceito, e sua carência intrínseca de significação". [34]

O *Silogismo da Necessidade,* tomado segundo as determinações puramente abstratas tem por meio-termo o universal; pertence à terceira figura (P-U-S). Trata-se do universal posto como determinado em si.

Hegel, na exposição sobre o processo da concretização do conceito, demonstra as diferenças contidas nas diversas formas do Silogismo e o caminhar progressivo para o suprassumir dessas diferenças. Para o filósofo, cada momento mesmo do silogizar se mostra como totalidade dos momentos - portanto, como silogismo completo - e em si são assim idênticos. Contudo, diz Hegel - introduzindo o elemento do "ser-para-si":

"A negação de suas diferenças e mediação delas constitui o ser-para-si, de modo que é um só e mesmo universal que está nessas formas, e por isso é também posto como sua identidade. Nessa idealidade dos momentos, o silogizar recebe a determinação de conter essencialmente a negação das determinidades - ele que é o percurso através delas - e com isso de ser uma mediação por meio do suprassumir da mediação e um concluir-junto do sujeito, não com Outro mas com Outro suprassumido - consigo mesmo". [35]

Na terceira nota de rodapé deste capítulo faço a seguinte citação de Hegel:

"O conceito é o [que é] livre, enquanto potência substancial essente para si e é totalidade enquanto cada um dos momentos é o todo que ele [mesmo] é, e é posto com ele como unidade inseparável; assim, na sua identiade consigo, o conceito é o determinado em si e para si".

---

[34] Id., ibid., p. 321

[35] Id., ibid., p. 326

Em páginas anteriores, igualmente, ficou explicitado que o conceito determinado em si e para si, pela própria negação das determinidades, suprassume as diferenças contidas nas diversas formas de silogismo.

Ora, na seqüência de sua exposição, Hegel afirma:

> *"Essa realização do conceito - em que o universal é essa totalidade una, retornada a si mesma, cujas diferenças são igualmente essa totalidade , e que pelo suprassumir da mediação se determina como unidade imediata é o objeto".* [36]

Desta feita adentramos, com Hegel, na segunda esfera da Doutrina do Conceito, qual seja, o *Objeto.* Segundo ele, este momento da subjetividade (conceito, juízo e silogismo) de se abrir para a objetividade ocorre quando, através do silogismo, a própria subjetividade, enquanto dialética, rompe seu limite.

O Objeto, num primeiro momento, qual seja, o de passagem da subjetividade para a objetividade, é apenas um objeto imediato, espontâneo. Contudo, no prosseguir da sua lógica especulativa, Hegel alcança o objeto para além de um essente absoluto, uma coisa existente, ou um efetivo:

> *"(...) mas um [ser] autônomo, concreto, completo em si; autonomia essa que é totalidde de conceito. (...) Além disso o objeto é o todo uno ainda além disso indeterminado em si; o mundo objetivo em geral. O objeto, (...) igualmente possui nele a diferença, decompõe-se em multiformidade indeterminada (enquanto mundo objetivo) e cada um desses Singularizados é também um objeto, um ser-aí autônomo, em si mesmo concreto e completo".* [37]

---

[36] Id., ibid., p. 327

[37] Id., ibid., p. 328

Na Essência tinha-se o *conceito enquanto conceito posto*, o que significa dizer que a relação é só o relacionamento dos lados reais que devem ser refletidos somente sobre si. Em contrapartida, na Doutrina do Conceito, quando a subjetividade rompendo seu próprio limite, pelo movimento dialético, torna-se-junto-com-a-objetividade, o conceito passa a *ser em si e para si*; é o *conceito absolutamente concreto,* o qual teve seu começo no *Ser enquanto conceito somente em si.*

Na Lógica Especulativa, Hegel demonstra a inseparabilidade do conceito (ou do pensar) em relação ao ser. Daí, busca expor o conceito como deve ser:

> *"(...) antes de tudo, determinado para si como conceito - com o qual nada tem a ver essa longínqua abstração do ser, ou também da objetividade; "* [38]

Para Hegel, é tarefa, pois, da filosofia superar a oposição da subjetividade e da objetividade por meio do pensar. Pelo conhecimento há que se retirar do mundo objetivo sua estranheza, e,

> *"como se costuma dizer de encontrar-nos nele: o que significa o mesmo que reconduzir o objetivo ao conceito, que é nosso Si mais íntimo".* [39]

Este próprio processo do objeto, não sendo algo rígido e ao mesmo tempo mostrando-se subjetivo, é o que forma, segundo Hegel, a *Idéia* - a terceira e última figura da Doutrina do Conceito, sobre a qual trataremos mais adiante.

Em relação à objetividade, há que se expor, com Hegel, sobre o *Mecanismo*, o *Quimismo* e a *Teleologia,* que constituem suas três formas.

---

[38] Id., ibid., p. 329

[39] Id., ibid., p. 333

O *Mecanismo* e o *Quimismo* têm em comum serem *somente em si* enquanto o conceito existindo. Somente na passagem do Quimismo à relação *Teleológica* o conceito torna-se *essente-para-si*, mediante negação da objetividade imediata.

O *Mecanismo* é o objeto em sua imediatez e o conceito é somente em si. Também atravessa graus: *mecanismo formal, mecanismo não-indiferente* e *mecanismo aboluto.*

> *"O objeto mecanicamente determinado é o objeto indiferente, imediato. Contém, decerto, a diferença, mas os diversos se comportam como indiferentes uns aos outros, e sua união lhes é somente exterior".* [40]

O objeto no *Quimismo* já contém o não-indiferente no sentido positivo, qual seja: a negação da negação pelo processo da suprassunção. Esta é a sua qualidade. Os objetos são por meio de sua relação de uns com os outros.

> *"Os objetos quimicamente não-indiferentes são o que são expressamente só por meio da sua não-indiferença; e são desse modo o impulso absoluto a se integrarem, uns nos outros e pelos outros".* [41]

No *Quimismo* a mediatez da existência é negada em si pelo fato de que sua autonomia é mediatizada por sua relação recíproca e o objeto é posto em relação para com seu Outro. Assim, o *Quimismo* é a *relação-reflexiva* da objetividade com a natureza não-indiferente dos objetos que foram suprassumidos à imediatez deles no momento do *Mecanismo.*

---

[40] Id., ibid., p. 334

[41] Id., ibid., p. 339

Porém, diz Hegel:

> *"O processo químico é ainda um processo finito, condicionado. O conceito como tal é apenas o interior desse processo, e aqui não chega ainda em seu ser-para-si, à existência".* [42]

Na relaçao teleológica é o momento em que o conceito passa à existência. O realizar do fim é a atividade de negação à oposição, de modo que a põe idêntica consigo. O fim realizado é a unidade posta do subjetivo (do conceito formal) e do objetivo (o objeto).

Ela mesma, a relação teleológica, tem o seu momento de imediatez exterior. É um *Fim* finito e está implicada na imediatez da *subjetividade do fim.* Se o conteúdo enquanto contingente e dado, o objeto, por conseguinte, é um particular. Porém, diz Hegel:

> *"A relação teleológica é o silogismo em que o fim subjetivo se conclui junto com a objetividade que lhe é exterior, através de um meio-termo que é a unidade dos dois, enquanto atividade conforme-ao-fim; e que, enquanto objetividade posta imediatamente sob o fim, é o meio".* [43]

São, por conseguinte, três os degraus pelo quais o *Fim* ascende à *Idéia*: *i) do fim subjetivo*; *ii) do fim em via de realizar-se*, posto que a execução do fim é o momento de realizar o fim; *iii) do fim realizado,* que é, precisamente, a unidade posta do subjetivo e do objetivo.

Hegel demonstra ainda o momento desta unidade segundo sua unilateralidade que prossegue em direção à Idéia, pois de fato o objeto é em si, o

---

[42] Id., ibid., p. 340

[43] Id., ibid., p. 343 e 344

conceito. Este, enquanto se realiza como fim, é somente a manifestação do seu próprio interior. Contudo, diz o filósofo:

> *"Mas no fato de que o fim realizado seja determinado somente como meio e material, ai já esse objeto é logo posto como objeto que em si é nulo, somente ideal. Enquanto o fim, por meio da suprassunção das determinações-de-forma, se conclui junto consigo mesmo, a forma é posta como idêntica consigo, e por isso como conteúdo; de modo que o conceito, enquanto é a atividade-da-forma, só tem a si por conteúdo. Assim, por esse processo, é posto em geral o que era conceito do fim: a unidade em si essente, do subjetivo e do objetivo, agora como para si essente - a Idéia."* [44]

No processo lógico-dialético, que vai do *Começo Abstrato* ao *Conceito Concreto*, a *Idéia* conclui a *Doutrina do Conceito* suprassumindo toda e qualquer unilateralidade subjetiva ou objetiva desta esfera da Ciência da Lógica.

> *"A idéia é o verdadeiro* em si e para si, a unidade absoluta do conceito e da objetividade". [45]

A Idéia em Hegel é essencialmente *processo*; é seu próprio *resultado*, e como tal é tanto o imediato como o mediatizado. Todos o graus aqui considerados do Ser, da Essência, do Conceito e da Objetividade, no movimento dialético, são momentos da Idéia. E ela é essencialmente concreta.

> *"(...) falsa é a representação como se a idéia fosse somente o abstrato. Certamente, ela o é, enquanto como todo o não-verdadeiro nela se consome; mas a idéia é nela mesma essencialmente concreta, por ser o conceito livre que se determina a si mesmo, e assim se determina para tornar-se realidade."* [46]

---

[44] Id., ibid., p. 347

[45] Id., ibid., p. 348

[46] Id., ibid., p. 349

Ora, sendo a Idéia *processo*, vejamos, igualmente, os graus que ela pecorre no seu desenvolvimento para se pôr como ser não mais abstrato, porém, como *Essente*, ou seja, *Natureza*, já na esfera da realização progressiva do Projeto Enciclopédico hegeliano, que vem da "Ciência da Lógica", passa pela "Filosofia da Natureza" e alcança a "Filosofia do Espírito".

Os graus que a Idéia percorre são três: a *Vida,* na forma de imediatez; o *Conhecimento*, na forma da mediação ou diferença; e a *Idéia Absoluta*, último grau do processo lógico.

> *"O processo da vida consiste em superar a imediatez, à qual a vida está presa, e esse processo que por sua vez é ele mesmo um processo (...) tem por seu resultado a idéia na forma do juízo; quer dizer a idéia enquanto conhecimento".* [47]

A idéia imediata, ou seja, a *Vida,* consiste em ser apenas - e, daí, unilateralmente - idéia essente. Por seu turno, o *Conhecimento* também, unilateralmente, é a *idéia essente para si.* Ora, a unidade e a verdade dessas duas idéias é *"a idéia essente em si e para si, e por isso absoluta".* [48]

---

[47] Id., ibid., p. 354

[48] Id., ibid., p. 366

Para não Concluir...

E ainda na cadência da leitura e releitura; da escrita e da reescrita da **Ciência da Lógica**, vislumbro o impasse de que outros momentos, esferas, níveis e graus estão por ser desenvolvidos no meu processo intelectual. Daí, o porquê do *Para não Concluir...*

O que se pretendeu aqui foi buscar o processo de concretização do conceito em Hegel. Tal tematização, verticalizando uma leitura e análise da **A Ciência da Lógica**, resultou da clareza que a mim se pôs de pecorrer, impondo-me um *"comprometimento pessoal com o seu conteúdo que é propriamente uma aventura que concerne ao Si do leitor mesmo"*, para usar as palavras de Bernard Bourgeois, já citada aqui na Introdução da Parte Primeira.

Em conformidade com o que disse no Preâmbulo, em alusão ao Charles Chaplin de "Tempos Modernos" - sobre a inexplicável necessidade de apertar parafusos mesmo depois de findo o trabalho - , todas as minhas problematizações ainda permanecem em pauta, na medida em que se tornou necessário verticalizar em Hegel. Daí, quase tudo está por ser feito. E, como fosse herança do próprio Hegel, sinto o impulso e a paixão do próprio movimento que acrescenta, suprassumindo. E será preciso prosseguir...

Hegel, para mim, se pôs como resposta a algumas questões que foram se pondo no cumprimento aos créditos do doutorado, ao tempo que se articulavam nas minhas reflexões algumas problematizações. E, como anunciei no Preâmbulo, já há para mim um *novo* delineado, mediante projetos de novas pesquisas a serem desenvolvidas. Deparo-me - não sem de sentir um certo deleite por tal

constastação - com a noção de que o novo por vir é o próprio antigo ainda não pecorrido. Importa, contudo, para estas páginas finais apresentar tais problematizações, que aqui serão postas tão-somente enquanto questões em aberto, as quais, na interlocução com tantos outros pesquisadores, desenvolverei nesta outra caminhada. São, pois, questões para as quais não tenho ainda respostas.

O desdobramento desta tese foi um num debruçar sobre as especificações do conceito concreto em Hegel. Após *"Algumas Aproximações Para um Estudo sobre a Concretização do Conceito em Hegel"* - na Parte Primeira, composta de três capítulos - prosseguiu-se para a Parte Segunda - *"O Processo Dialético na Construção do Conceito Concreto em Hegel"*, também construída em três capítulos que correspondem às três partes da **Ciência da Lógica**, que expõem as Doutrinas do Ser, da Essência e do Conceito.

Tendo seguido uma certa determinação posta por mim mesma - enquanto profissonal na área de Filosofia e na condição na qual me coloco de prosseguir minha opção teórico-metodológica de pesquisa inserida por dentro da teoria marxiana[1]- é que tentei me desviar de uma apropriação de Hegel pela teoria

[1] A respeito de tal perspectiva teórico-metodológica, recorro aqui -, na bibliografia específica sobre a suposta crise do denominado "socialismo real", com a queda do muro de Berlim, em novembro de 1989, às palavras de José Paulo Netto:

"A perspectiva teórico-metodológica instaurada pela obra marxiana - com seu cariz ontológico, sua radicalidade histórico-crítica e seus procedimentos categorial-articuladores - é aquela que permite, arrancando dos 'fatos' objetivados na empiria da vida social na ordem burguesa, determinar os procesos que os engendram e a totalidade concreta que constituem e em que se movem. Esta perspectiva é a que propicia, na dissolução da pseudo-objetividade necessária da superfície da vida capitalista, apreender e develar os modo de ser e de reproduzir-se do ser social na ordem burguesa. Produto do próprio desenvolvimento do ser social na ordem burguesa, esta perspectiva teorico-metodológica é a que vializa o (auto) conhecimento teórico do ser social nos marcos da socialidade burguesa". NETTO José Paulo, **Crise do Socialismo e Ofensiva Neoliberal**, p. 37.

marxiana. Em outras palavras: não quis "passar por cima" de Hegel. E ao ter me feito hegeliana neste mergulhar no pensamento de Hegel, penso que - buscando uma terminologia da psicologia da aprendizagem - alcançei, no limite que me foi possível para agora, o *nível de prontidão* para retornar a Marx, o qual tão fielmente incorporou Hegel, ainda que o suprassumindo. [2]

Numa primeira aproximação a leituras e estudos sobre o marxismo ocidental, considero-os um momento específico do meu doutorado, no qual cheguei a - digamos assim - uma certa equação pessoal nas minhas articulações teóricas. Significa dizer que, em face do que se ia acumulando nas minhas leituras, análises e discussões com meus colegas e professores, deparei-me com uma indagação que, paulatinamente, foi tomando configuração mais definida enquanto problematização.

---

[2] Sobre a crítica de Marx a Hegel, considero pertinente destacar duas passagens da **"Crítica da dialética e da filosofia de Hegel"** que compõe uma parte dos **Terceiros Manuscritos Econômicos Filosóficos:**

"(...) a dialética da negatividade enquanto princípio motor e criador - reside, em primeiro lugar, no fato de Hegel conceber a autocriação do homem como processo, a *objetivação como perda do objeto, como alienação e como abolição da alienação; e no fato de ainda apreender a natureza do trabalho e conceber o homem objetivo (verdadeiro, porque homem real, como resultado do seu próprio trabalho. A orientação real, ativa, do homem para si mesmo enquanto ser genérico ou a afirmação de si próprio como ser genérico real, quer dizer, como ser humano, só é possivel na medida em que ele realiza todos os seus poderes específicos - o que, por sua vez, só é possível através da ação coletiva dos homens e como resultado da história (...) O único trabalho que Hegel entende e reconhece é o trabalho intelectual abstrato" (p. 245 e 246).*

"Mas o que é a idéia absoluta? Tem novamente de abolir-se a si mesma, se não quiser mais uma vez atravessar desde o início todo o processo de abstração ou a abstração autocompreensiva. mas a abstraçào que a si se compreende como abstração sabe que nada é; ela, a abstração, tem de abandonar-se e chega assim a uma entidade, que constitui precisamente o seu oposto, a natureza. Deste modo, toda a lógica é a demonstração de que a idéia absoluta nada é para si, de que só a natureza é alguma coisa". (p. 258 e 259)

À época foram duas as assertivas-hipótese às quais cheguei:

1) O marxismo ocidental da segunda metade do século XX (especificamente a Escola de Frankfurt) incorpora uma perspectiva crítica do capitalismo que não considera a ocorrência de uma dimensão transformadora e revolucionária, com isto, perde a unidade teórica e prática que havia caracterizado o legado clássico. Diz Octavio Ianni sobre este legado:

> *"A obra de Marx, pois, não é apenas uma ampla, sistemática e demorada reflexão sobre o regime capitalista de produção, mas, é uma reflexão ao mesmo tempo crítica e reolucionária" (Dialética e Capitalismo, p. 9)*

2) O marxismo ocidental (Escola de Frankfurt) é uma interpretação (abstração) de classe (burguesa) do marxismo (Ciência da História). E a Ciência da História se constitui enquanto uma superação do "locus" gnosiológico da verdade - ciência ou filosofia - e se funda numa Ontologia do Ser Social (Lukács).

Nas minhas preocupações de coerência com a teoria marxiana e com os equívocos e/ou desvios de que - penso - está impregnada a tradição marxista, com exceção de Lukács, considero que o denominado marxismo ocidental, sobretudo a Escola de Frankfurt, perdeu a dimensão ontológica tão presente em Hegel e em Marx e passou a se pautar no Irracionalismo com o esvaziamento da dimensão da totalidade.

Senão, vejamos este argumento de Envagelista:

> *"A dimensão da vida cotidiana requer a sua reconstituição ontológica pela via da totalidade concreta. É só quando referida a esta totalidade, pontuada* por *suas complexas mediações, que a necessidade e o sem-sentido da contidianidade se dissipará e desvelar-se-á ao homem. Apenas assim, podemos destruir a faticidade da vida cotidiana, evidenciando as suas relações sociais genéticas. Proceder diferentemente implica ficar conivente com a onda de irracionalismo contemporâneo, que busca no 'cotidiano' a confirmação para a sua*

desrazão, e mergulhar na perplexidade frente à compreenção do ser social no mundo do capital". [3]

E o autor prossegue, remetendo-se a Lukács:

"Para superar essa situação social reificada e apreender o seu ser social, é imprescindível recorrermos à categoria da totalidade concreta. Pois, ao 'estabelecer a referência à totalidade concreta, de que resultam as determinações dialéticas, supera-se a simples descrição e atinge-se a categoria da possibilidade objetiva' (in LUKÁCS, G. 1974, p. 64)". [4]

Pareceu-me de grande interesse a abordagem de Lukács sobre a temática da Ontologia do Ser Social. Lukács, ao analisar Hegel, tece considerações que mereceriam uma investigação detalhada, tal a profundidade da inferência que faz da **Ciência da Lógica**, no sentido e que ela já conteria uma lógica que é uma ontologia do ser social.

Destaco, sem nelas me deter duas passagens de Lukas que aguçam minha curiosidade:

"Toda a filosofia de Hegel se orienta substancialmente no sentido de conhecer a sociedade e a história. Por isso, suas categorias - no que se refere à essência específica delas - são dirigidas para essa esfera de ser. Mas o fato de que essas categorias, surgindo no pensamento de Hegel subordinadas à lógica, apareçam quase sempre generalizadas a um âmbito bem maior que a esfera do ser social, e resultem portanto deformadas do ponto de vista da ontologia do ser em-si, esse fato é algo mais que uma simples forma de manisfestação do sistema. A ontologia crítica, apesar de todo vigor com que deve indicar as deformações desse pensamento, não pode jamais perder de vista a significativa intenção que lhe é subjacente."[5]

---

[3] EVANGELISTA J. E. **Crise do marxismo e irracionalismo pós-moderno**, p. 63

[4] Id., Ibid., p. 63.

[5] LUKÁCS Georgy, **A Falsa e a Verdadeira Ontologia de Hegel**, p 51

(A heterogenidade no ser social deriva também, e não em último lugar, do fato de que as esferas do ser homogeneizantes que fundam a atividade só podem se relacionar entre si de modo inteiramente heterogêneo). Pode-se demonstrar que até mesmo as alternativas mais complexas pressupõem um processo social preparatório (...). Isso significa, em primeiro lugar, que a negação enquanto importante instrumento ideal da praxis humana surge da inter-relação dessa com a realidade objetiva; em segundo, que ela - sendo indissoluvelmente ligada à práxis e, por conseguinte, aos seus pressupostos naturais objetivos - é um reflexo da realidade que, embora indispensável para transformá-la, não é todavia uma categoria da realidade não-social, objetivamente existente em-si. O meio homogêneo no qual surgem a afirmação e a negação é uma das mais importantes condições metodológicas para que um reflexo da realidade em-si resulte correto e permita uma ação exitosa. Este reflexo pode inclusive afastar-se bastante da realidade em suas epecíficas formas objetivas (basta pensar na matemática e na geometria); mas quando, ao reproduzir o essencial da realidade, visa um objetivo desse tipo pode encaminhar ações que se tornam de importância ontológica determinante para o ser social."[6]

Ainda ressaltando a temática da Ontologia do Ser Social, acrescento auma consideração de Manfredo Oliveira com o intuito de sinalizar a relevância que - penso eu - passa a ter na contemporaneidade um estudo sistemático e rigoroso sobre a Ontologia do Ser Social:

"A dialética, situando-se na tradição que vem de Platão, Nicolau de Cusa e é retomada na modernidade com todo o rigor, por Hegel, se situa neste tipo de racionalidade propriamente filosófica e quer radicá-la numa dupla direção: em primeiro lugar na direção da 'ontologia', na medida em que se considera os princípios tematizados pela reflexão trancendental não apenas princípios de pensamento, mas princípios do ser". [7]

---

[6] Id., ibid., p. 50 e 51

[7] OLIVEIRA Manfredo A. Prefácio in **Pensando com Marx** FRANCISCO F. J. Soares, p. 15

Em Hegel, e pela lente lukacsiana, é possível destacar uma lógica que é uma ontologia e que, decerto, direciona para a significância da demonstração reflexiva de uma Lógica Especulativa que supera os limites fincados pela Lógica Transcendental, até Hegel.

> *"Para a dialética as primeiras-últimas leis do pensar são também leis do ser, assim para Hegel a lógica nada mais é do que a tematização das diferentes esferas de inteligibilidade do 'Absoluto' enquanto a totalidade das esferas do real, portanto, do sistema da determinações do pensamento, enquanto expresão ou articulação do real. Carece, portanto, de qualquer sentido falar da perspectiva do pensamento dialético, de autarquia ou de autonomização da lógica: há uma identidade básica entre lógica e a sistemática do real em Hegel de tal modo que não se pode falar de lógica (de pensamento) sem falar da realidade da qual ela é articulação, de tal modo que qualquer teoria do real implica lógica como teoria das possibilidades supremas de articulação do real".* [8]

E assim, com todas estas questões em aberto, vejo que concluo este texto com a determinação de buscar novas respostas e, talvez acrescentar outras dúvidas.

* * *

[8] Id., ibid., p. 15 e 16

Bibliografia

CHÂTELET, F. **A Filosofia e a História**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1981.

CHÂTELET, F. **Hegel**. Trad. Alda Porto. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo, Ática, 1995.

DELEUZE, G. **Para Ler Kant**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1986.

EVANGELISTA, J. **Crise do Marxismo e Irracionalismo Pós-Moderno**. São Paulo, Cortez Editora, 1992.

FREDERICO, C. **O Jovem Marx**. São Paulo, Cortez Editora, 1995.

GARAUDY R. **Para Conhecer o Pensamento de Hegel**. PortoAlegre, L&M, 1983.

GOLDMANN, L. **Origem da Dialética**. Trad. Haroldo Santiago. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1967.

HEGEL, F. **Propedêutica Filosófica**. Lisboa, Edições 70, 1989.

HEGEL, F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - A Filosofia do Espírito**, vol. 2. São Paulo, Edições Loyola, 1995.

HEGEL, F. **Primi Scritti Critici**.Milão, Mursia Editore, s/d.

HEGEL, F. **Como o Senso Comum Compreende a Filosofia e A contigência em Hegel**. Trad. Eloísa Araújo Ribeiro. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.

HEGEL, F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Filosofia da Natureza**, vol. 3. Trad. Artur Mourão. Lisboa, Edições 70, s/d.

HEGEL, F. **A Razão na História**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo, Editora Moraes, 1990.

HEGEL, F. **Ciência de la Lógica**. Trad. Augusta e Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires, Solar - Hachette, 1986.

HEGEL, F **Introdução à História da Filosofia**. Trad. A. Pinto de Carvalho. Coimbra, Armênio Amado Editor, 1974.

HEGEL, F. **Filosofia da História**. Brasília, Editora UnB,1995.

HEGEL, F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas - Ciência da Lógica**, vol. 1. São Paulo, Edições Loyola, 1995.

HEGEL, F. **Fenomenologia do Espírito**. Petrópolis, Vozes, 1992.

HYPPOLITE, J. **Génesis y estructura de la 'Fenomenologia del espiritu de Hegel'**. Barcelona, Ediciones Península, s/d.

HYPPOLITE, J. **Introdução à Filosofia da História de Hegel**. Lisboa, Edições 70. s/d.

KANT, I. **Crítica da Razão Pura**. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, s/d.

KOJÈVE A. **Introduction a la Lecture de Hegel**. França: Librairie Gallimard.

KONDER, L. **Hegel, a Razão Quase Enlouquecida**. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1991.

LUKÁCS, L. **Per l'Ontoloia dell'Essere Sociale**. Roma, Editori Riuniti, 1981.

LUKÁCS, L **Prolegomini all' Ontologia dell' Essere Sociale**. Milano, Guerini e Associati, 1990.

LUKÁCS, G. **A falsa e a verdadeira ontologia em Hegel**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. São Paulo, Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MARCUSE, H. **Razão e Revolução**. Trad. Marília Barroso. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1988.

MARX, K. **Manuscritos Econômicos e Filosóficos**. Trad. Artur Mourão. Lisboa, Edições 70, 1989.

MENESES, P. **Para Ler a Fenomenologia de Hegel**. São Paulo, Edições Loyola,1985.

NETTO, J. **Crise do Socialismo e Ofensiva Neoliberal**. São Paulo, Cortez Editora, 1993.

OLIVEIRA, M. A **Filosofia na Crise da Modernidade**. São Paulo, Edições Loyola, 1989.

SCHELLING, F. **A Essência da Liberdade Humana**. Petrópolis, Vozes, 1991.

TERTULIAN, N. **Lukács, la Rinascita dell'ontologia**. Roma, Editori Riuniti, s/d.